

A romantic couple embracing on a beach at sunset. The man is wearing a white shirt and has his arms around the woman, who is also wearing a white top. They are both smiling and looking at each other. The background features a beautiful sunset over the ocean, with palm trees in the foreground and a sandy beach.

ELY MARTINS

DIAS DE VERÃO

Livro IV

COLEÇÃO AS QUATRO ESTAÇÕES





ELY MARTINS

DIAS DE VERÃO

Livro IV

COLEÇÃO AS QUATRO ESTAÇÕES

Dias
De
Verão

Livro IV

Coleção As quatro estações

Ely Martins

Dias de verão - Livro IV- Coleção As quatro estações



Copyright © 2018 Ely Martins

Revisão e diagramação: Constellarium Design

Capa: Constellarium Design

Ano de publicação: 2018

Literatura Brasileira

Romance

Drama

Todo o conteúdo é protegido pelas leis de direitos autorais. É proibido sua cópia, reprodução, utilização, modificação, venda, publicação, distribuição na sua totalidade ou em parte sem autorização prévia do autor.

Este livro é uma obra de ficção. Os personagens e os diálogos foram criados pelo autor e não são baseados em fatos reais. Qualquer semelhança com acontecimentos ou pessoas reais, vivas ou mortas é mera coincidência.

Prólogo

Por mais que eu tentasse disfarçar ou me concentrar em outra coisa, essa tentativa foi em vão. Não conseguia deixar de olhar para ele e nem mesmo evitava meu suspiro apaixonado. Acredito que eu sempre seria assim... Essa eterna apaixonada por meu marido. Nenhum erro, nenhuma briga, nenhuma raiva foi capaz de fazer com que meu amor por Daniel sofresse qualquer abalo. Eu nunca tive ilusões a respeito de um relacionamento, portanto nunca esperei pelo príncipe encantado, pelo homem perfeito que mais parecesse um robô programado para só fazer o certo.

Eu queria o imperfeito, o humano que erra e acerta, com suas qualidades e defeitos. Eu queria o homem que ama, que sente desejo, que é amigo. Mas queria também o homem que briga, que sente raiva, que erra. E queria principalmente o homem honesto, íntegro, fiel...e capaz de reconhecer e se arrepender de seus erros. Eu queria Daniel. Eu o quis no outono de dois mil e um quando nos conhecemos. Eu o quis nas longas noites de inverno em que estivemos afastados. Eu o quis nas manhãs de primavera, em que estávamos tão perto e ao mesmo tempo tão longe. Eu o quis no verão quando nossa filha nasceu e ele estava ao meu lado, chorando comigo. E eu sei, que eu ia querer Daniel em todas as vidas.

Capítulo 1

O sol da manhã primaveril batia em cheio em meu rosto, o que me fazia sorrir de olhos fechados. Meu coração batia ritmado, leve... feliz. Para dizer a verdade eu já estava feliz desde o momento em que vi Daniel no primeiro dia do ano após longos e torturantes meses longe dele. Quando o vi, tudo o que consegui sentir foi... amor. Eu amava esse homem. Amava com todas as minhas forças e não havia nada que me fizesse desistir dele. Não quando eu via o mesmo amor brilhando em seus olhos. Eu só queria me jogar nos braços dele na esperança de aplacar toda a saudade que os meses longe dele provocaram em mim.

Eu já sabia — depois de ter praticamente obrigado os pais dele a me contarem a verdade — tudo o que Daniel sofreu. E como eu desejei poder voltar no tempo para estar ao lado dele. Ele sempre disse que eu era seu porto seguro, o ponto forte de nosso relacionamento, mas o que ele não percebia é que nós éramos o alicerce um do outro. Ele não se via com clareza, não percebia a importância que tinha em minha vida.

Mas eu estava disposta a mudar isso de qualquer forma. Principalmente depois de ver a emoção nos olhos dele ao saber que seria pai. Como eu poderia desistir desse homem? Desistir de nós? Não estou dizendo que estava passando a mão na cabeça dele e fechando meus olhos para todos os seus erros. Ele errou sim... assim como eu errei muitas vezes. Ele me magoou, assim como eu o magoei também sem nem me dar conta.

Do que adianta ficar apontando esses erros, lembrando as mágoas? Erros existem para serem cometidos, reconhecidos e não os repetir. Acredito eu, que o amor não pode ser um sentimento que pune, que oprime. E eu tenho pena de quem pensa desse jeito, porque simplesmente não reconhece a dimensão desse sentimento. Só conhece a palavra, a teoria... e isso é triste. Amor é um sentimento que liberta. E eu pretendia libertar Daniel de toda culpa, de todo remorso e principalmente, de toda vergonha.

Eu pretendia libertá-lo da vergonha que ele sentia de si mesmo, mas não

foi bem assim. Não fui eu quem o libertou. Foi nossa filha... nossa princesa. Daniel talvez não percebesse, e eu jamais diria a ele como eu ficava arrasada sempre que ele tocava minha barriga na esperança de sentir seus movimentos e ela se negava. Eu via a decepção, a derrota em seus olhos e eu sentia vontade de abraçá-lo e chorar junto com ele.

Eu o entendia quando dizia que precisava se sentir de alma limpa para voltar para nossa casa e respeitava sua posição. Mas eu não via a hora de voltar e de juntos começarmos a preparar o quarto da nossa filha. E isso seria logo, pois a nossa princesa finalmente decidiu libertar o pai de toda aquela angustia. Ela se mexeu para ele como se dissesse que já estava mais do que na hora de voltarmos para nosso império.

Senti lágrimas escorrendo pelo canto dos meus olhos, em contradição com o sorriso em meus lábios. Desde aquele dia, exatamente quatro dias atrás, nossa filha parecia querer compensar o pai por todas as vezes em que se negou a ele. Bastava Daniel conversar perto de mim e ela começava a se mexer, inquieta, só se acalmando um pouco quando ele colocava a mão em meu ventre. Ela era como a mãe. Apaixonada por Daniel.

Abri meus olhos e olhei ao redor, sentindo certa nostalgia. Eu ia sentir falta dessas manhãs em que me sentava nesse banco, admirando a bela paisagem proporcionada pela primavera. Daniel se sentava comigo todos os dias antes de sairmos para o trabalho, mas excepcionalmente hoje ele não estava. Embora estivesse controlando rigidamente seu horário na construtora, apenas hoje cedeu ao apelo do chefe para uma reunião. E eu preferi ficar em casa apenas curtindo meus últimos dias ali.

Eram pouco mais de dez da manhã quando eu bati à porta da casa dos meus sogros. Antes relanceei um olhar para a casa onde um dia Anika morou. Eu sentia muito por ela, de verdade. Não a julgava, não condenava por tudo o que passou nas mãos do pai. Medo é uma palavra tão pequena, mas jamais podemos subestimar seu poder. E eu sei que era isso o que ela sentia e a impedia de denunciar o crápula do pai. Esperava que ela, a mãe e o garoto estivessem seguros agora. E também desejava que ela pudesse encontrar novamente o amor.

—Mel! Oh querida, que surpresa boa. Entre.

—Oi Natalie. Tudo bem? — Perguntei após abraçá-la. —Espero não estar

incomodando.

—Ora que bobagem. E desde quando me incomoda? Mas você não veio caminhando nesse sol quente, não é?

—Não está tão quente. E eu gosto de caminhar. Faz bem para minhas pernas.

—E essa coisa linda? — Perguntou tocando minha barriga. —Cada vez crescendo mais.

—Sim. E ela está ótima. Hoje está quietinha, mas basta o pai chegar e ela se assanha.

Natalie sorriu e percebi seus olhos marejados. Ela me levou para a cozinha, onde me sentei e imediatamente fui servida por todas as delicias que ela gostava de preparar. Eu me sentia muito mimada quando estava com ela.

—Está sentindo alguma coisa? Quer dizer, era para estar na Sweet agora...

—Eu me dei folga hoje. Estava lá no jardim, quase me despedindo da casa.

—Oh... então já resolveram voltar para o império?

—Daniel pediu para esperar pelo menos uma semana. Tem que dar uma faxina, tirar poeira de tudo... sabe como é. Sei que você cuidou bem de tudo, mas desde que voltamos sei que ele disse que você não precisava mais ir.

—Sim, ele disse. Mas essas empresas especializadas não levam tanto tempo assim. Mas enfim, vamos deixa-lo ter seu tempo, não é?

—Sim. Ele está feliz novamente, Natalie. Mais tranquilo, sorridente e cada vez mais carinhoso. — Eu suspirei arrancando uma gargalhada dela. — Pode rir. Estou me apaixonando ainda mais por ele.

—Fico tão feliz por vocês. Ele também está cada dia mais apaixonado. Eu vejo isso. Está na hora de vocês voltarem a ser felizes, meu bem. Vocês merecem.

Eu apoiei minha cabeça no ombro de Natalie. Eu a amava demais, assim como Nolan. Eram os pais que ganhei quando conheci Daniel.

—Amo vocês.

—Nós te amamos também, Mel. Você não foi só a melhor coisa na vida do Daniel. Foi na vida de todos nós. Tão guerreira, tão justa, tão forte. Sua filha terá muito orgulho da mãe.

—E do pai também. Principalmente do pai.

∞∞∞∞

Eu curtia preguiça na cama depois do banho, vestia apenas o roupão e olhava sem muito interesse para a tv até que ouvi o barulho do carro se aproximando. Poucos minutos depois Daniel surgiu à porta do quarto. Eu sorri bobamente ao ver que ele também sorria... aquele sorriso que eu amava e lhe alcançava os olhos.

—Oi amor. Passou bem o dia?

Ele se aproximou e se inclinou, beijando minha boca e em seguida minha barriga. Eu ri quando senti a moleca da nossa filha correspondendo ao toque dele.

—Ei princesinha. Não deu trabalho para a mamãe, não é?

Acariciei os cabelos dele, que se sentou ao meu lado na cama.

—Passamos bem. Fui visitar sua mãe e passei a tarde com ela. Voltei, dormi, tomei meu banho e estou aqui agora curtindo preguiça.

—Que bom que se divertiu um pouco.

—E você? Está me parecendo cansado. Não está extrapolando, não é?

—Eu prometi, não foi? Não extrapolei. Mas agora vá se vestir enquanto eu tomo um banho. Vamos sair.

—Sair? Para onde?

—Jantar fora... o que acha?

Eu me sentei na cama e Daniel rapidamente segurou minha mão, me ajudando no processo. Estreitei meus olhos, só então notando seu olhar travesso.

—O que você está aprontando?

—Que moça desconfiada. Já disse... vamos jantar fora. Há tempos não fazemos isso, amor. Seja boazinha.

—Tudo bem. Quer que eu separe alguma roupa?

—Nada. Vá se arrumar e ficar linda para mim.

Ele se afastou e eu me levantei. Daniel estava misterioso. Não havia nada demais em um jantar, é claro, mas eu o conhecia bem demais para saber que ele estava aprontando alguma coisa. Só não conseguia imaginar o que era. Talvez fosse apenas cisma minha, já que ele trabalhou o dia todo e não teria tempo para elaborar nenhum plano mirabolante.

Quase uma hora depois seguíamos no meu carro... não sei para onde. Ele deu algumas voltas pela cidade, como se estivesse procurando um lugar ideal, mas de repente mudou o percurso e quando dei por mim seguíamos o caminho para o império.

—Jantar fora significa na varanda de nossa casa?

Perguntei em tom debochado e ele riu alto, me fazendo suspirar. Ver Daniel tão solto, tão feliz era o suficiente para me deixar feliz também.

—Debochada.

Ele falou depois de estacionar em frente à nossa casa. Só então a ficha começou a cair. Algumas luzes estavam acesas, o que só podia significar que ele, ou alguém esteve aqui antes. Observei com certo aperto no peito, a fachada de nossa casa. Eu queria tanto voltar para cá imediatamente.

—Vamos?

Daniel falou, já parado ao meu lado, abrindo a porta do carro para mim. Eu desci segurando sua mão, mas com o olhar ainda em nossa casa. Meus olhos estavam marejados enquanto seguíamos de mãos dadas até a entrada. Passamos pela varanda, ele abriu a porta... e então o cheiro me atingiu. Era um cheiro delicioso de limpeza.

Eu girei imediatamente para o encarar.

—Você mandou que fizessem a faxina hoje?

Ele não respondeu e me conduziu para dentro de casa. Eu pisquei seguidas vezes ao ver tudo absurdamente arrumado com flores frescas e lindas enfeitando o ambiente. E claro, o cheirinho bom.

—Vamos jantar, senhora Edgcomb.

Eu o segui até a sala de jantar e parei, agora com as lágrimas escorrendo pelo meu rosto ao ver a mesa romanticamente posta.

—Daniel...

Ele passou à minha frente e parou, segurando minhas mãos.

—Eu não fui trabalhar. Nem ontem, nem hoje. Passei o dia aqui limpando tudo e deixando nossa casa habitável novamente. Espero que esteja tudo do jeito que você gosta. Acho que não me esqueci de nada.

—Está tudo... perfeito. Oh Daniel... e essa mesa...

—Quanto a isso, sabe que não levo muito jeito. A obra toda é do Juan. Ele deve ter saído há poucos minutos daqui. Se o jantar estiver perfeito, o mérito é dele.

—Seu também.

Falei com voz embargada, passando a mão sob meus olhos. Meu coração batia tão forte. E eu olhava para o meu marido e queria beijá-lo até perder o fôlego.

—Está na hora de voltarmos para cá, amor.

—Daniel... Daniel... eu te amo.

Eu me joguei nos braços dele, beijando sua boca, sentindo seus braços me envolvendo naquele abraço que parecia alcançar todo o meu mundo. Eu me agarrei à sua camisa, chorando um pouco mais alto. Era felicidade. Puramente felicidade.

—Passaremos a noite aqui, não é?

—Claro que sim, senhora Edgcomb. — Falou e mordiscou minha orelha.
— A nossa noite só está começando.

E agora, quem poderia me condenar por amar esse homem além da razão? Eu certamente não me condenava.

—E antes que eu me esqueça. — Ele se afastou, segurou meu rosto entre suas mãos e olhou em meus olhos... sem medo. — Amar é muito pouco para dizer o que eu sinto por você. Mas mesmo assim eu digo que... eu a amo com todo meu coração. Você e a nossa bebê.

Eu o abracei com força, prensando meu rosto contra seu peito... e sorri ao sentir nossa menina se mexendo. Ela sabia que estávamos agora em nosso pequeno pedaço de paraíso. Sabia que os melhores dias de nossa vida ainda estavam por vir.

Capítulo 2

Todas as vezes em que pensei na palavra perdão, sempre relacionei a perdoar as pessoas ou que elas me perdoassem por erros, falhas, ausências, omissões e mentiras. Era sempre assim. Perdoar o outro e ser perdoado. Nunca passou pela minha cabeça a hipótese de ter que perdoar a mim mesmo. Minha mãe costumava dizer que o perdão é um dos atos mais nobres e poucas pessoas estão realmente de coração aberto para oferece-lo. É um processo por vezes demorado e que algumas vezes provoca dor tanto em quem perdoa quanto em quem espera ser perdoado.

Hoje eu posso dizer com absoluta convicção que o processo de perdoar a si mesmo é bem mais longo e doloroso. E no meu caso, que muitas vezes não me senti merecedor da mulher incrível que era Mel, tudo tomava uma proporção ainda maior. Não era vitimismo, mas era falta de autoestima. Sempre tive esse problema e não seria agora que ia negar o óbvio. Por isso foi tão difícil. Eu não aceitava meus erros, não conseguia me perdoar por ter magoado a mulher da minha vida, meus pais, por ter tido um sentimento tão forte de vingança. Provavelmente por não me achar merecedor de todo amor que recebia, eu não conseguia enxergar que, como Mel sempre disse, eu fui apenas humano.

Não foi da noite para o dia que tive essa percepção. E tudo piorava quando eu nem ao menos conseguia sentir os movimentos da nossa filha no ventre de Mel. Em minha cabeça, era uma punição por ter feito meu anjo sofrer tanto. Quanta bobagem. Como pode um ser tão puro e inocente querer punir alguém? Esse foi o primeiro passo para aliviar meu coração. Todas as noites, enquanto Mel dormia, eu repassava tudo de bom que vivi até aquele momento. Tudo o que fiz para que Mel me considerasse apenas uma pessoa que momentaneamente se deixou levar por sentimentos ruins. Às vezes eu lia pelo celular um e-book que comprei e que me ajudou a enxergar as coisas de maneira diferente.

Muitas vezes sai da cama para que meu choro não acordasse Mel e a deixasse preocupada. E foi assim, entre sofrimento e aprendizado que eu finalmente aceitei que eu nunca fui aquele homem horrível que agiu por vingança. Entendi que todos nós estamos sujeitos a erros, a momentos ruins que fogem ao nosso controle. E aprendi principalmente que, quem apenas julga sem

reconhecer que também erra pode se tornar alguém bem pior que eu.

Com isso percebi que, não sentir os movimentos da minha filha não era uma punição. Não da parte dela. Mas como dizem que os bebês sentem tudo ao seu redor, prefiro acreditar que minha filha respeitava meu momento. Ela sentia que eu não estava pronto. E só quando pude me perdoar, eu me permiti ser plenamente feliz novamente.

Tanto que eu perdi por estar com a mente confusa e perturbada! Porém eu não ia ficar mais remoendo o que passou, o que fiz e o que deixei de viver. Eu ia agora me preocupar em viver cada momento incrível ao lado da minha esposa e da minha filha. O primeiro passo seria o que Mel tanto queria e, confesso que eu também. Voltarmos para nossa casa que foi tão cuidadosa e carinhosamente planejada e erguida por nós dois.

Porém, eu não queria apenas pegar nossas coisas e voltar para casa. Eu precisava fazer algo especial. Mas nunca fui muito bom nesse tipo de coisa. Além do mais, Mel era uma pessoa simples e fazer algo muito elaborado não seria o suficiente para que ela percebesse que eu estava fazendo isso de corpo, mente e alma abertas. Menti, é verdade, mas por uma boa causa. E aquela definitivamente seria a última mentira ou omissão de nossas vidas.

Pedi dois dias de folga, que foi prontamente cedido antes mesmo que eu revelasse o motivo. Somente Juan sabia dos meus planos, já que ele ficaria encarregado de preparar o jantar. Mas eu passei esses dois dias limpando cada canto daquela casa. Cada porta, janela, móvel, além de trocar todas as roupas de cama e colocá-las para lavar. Foi exaustivo, mas todo o esforço valeu a pena vendo Mel encolhida em meus braços e chorando de emoção.

Não que eu quisesse que ela chorasse, mas por saber que eu acertei na surpresa. Declarei meu amor imenso por ela e sei que Mel enxergou isso em meus olhos. Amor não chegava nem perto do que eu sentia por ela.

—Eu sei que é apenas uma casa. —Ela falou se afastando e andando um pouco pela sala de jantar. —Mas eu senti tanta falta daqui, Daniel. Ficamos pouco tempo, mas foram momentos tão bons.

Eu me aproximei a abraçando por trás e apoiando minha cabeça na dela.

—Não é apenas uma casa, Mel. É a nossa casa. É o lugar que ainda vai

testemunhar nossos momentos mais felizes. Eu prometo a você.

—Eu sei. Eu confio em você.

Eu deslizei uma das mãos, repousando-a sobre seu ventre e rindo ao sentir o chute.

—Ela está feliz.

—E aposto que ansiosa para conhecer o pai incrível que ela tem.

—O pai e a mãe. Agora venha, amor. Se Juan souber que servi um jantar frio para você é capaz de nunca mais me ajudar em nada.

Eu puxei a cadeira onde Mel se sentou depois de me beijar. Eu me sentei a frente dela, colocando minha mão sobre a dela.

—Estou pronto, Mel. Eu já disse a você que já me perdoei, mas reforço que estou totalmente livre daqueles sentimentos e pensamentos que me impediram de ser e fazer você feliz. Vamos recomeçar. E eu não vou prometer que nosso caminho será só um mar de rosas. Nós sabemos que não é assim. Mas eu posso prometer que estarei sempre disposto a ter um diálogo honesto com você. Sem mentiras, sem medos e omissões. Amo tanto você. E agora nossa filha...é o que sempre sonhei. Eu aprendi com meus erros. E também não estou remoendo nada do que aconteceu. Só queria que soubesse que estou de coração e mente abertas para nosso relacionamento. É para sempre, meu amor.

Ela apertou minha mão e piscou algumas vezes, mas eu consegui ver o brilho de lágrimas em seus olhos.

—Eu sei que não serão apenas flores. Os espinhos fazem parte de toda a beleza delas. Além do mais, Daniel... Eu não quero um homem perfeito porque eu também não sou perfeita. Eu nunca sonhei com um príncipe encantado. Sempre sonhei com um homem íntegro, honesto, fiel, trabalhador, gentil. E bom...e se fosse bonito e gostoso eu não ia reclamar.

Eu ri alto entrelaçando nossos dedos.

—Eu te amo com todos os seus defeitos e imperfeições. Assim como sei que você me ama. Nós dois aprendemos. Foi uma lição e tanto. E saiba que pode

confiar em mim e contar comigo para tudo. Sou sua esposa, sua amiga. Mas agora eu preciso comer porque esse cheiro está acabando comigo.

Eu ri alto novamente. Era uma felicidade que não cabia em meu peito.



Eu me levantei da cama com cuidado e vesti a boxer jogada no chão. Girei e fiquei parado olhando minha esposa que dormia tranquila e esplendidamente nua em nossa cama. Já era madrugada quando finalmente abandonei seu corpo, ou melhor, ela me soltou e então dormiu com a mão agarrada à minha. Definitivamente a gravidez mexeu com a libido de Mel e nosso reencontro agora nessa cama, no nosso Império foi mais que perfeito.

Lentamente eu me afastei e caminhei até a porta da varanda, a abrindo com cuidado. Sai e me apoiei na grade, fechando os olhos e inspirando profundamente. A paz que eu tanto almejava me invadiu e não consegui segurar um sorriso. Eu amava minha vida com Mel. Desde o tempo em que éramos apenas amigos, eu me sentia o mais feliz dos homens ao lado dela. E agora, caramba... nossa filha estava a caminho somente para coroar o que nós tínhamos.

E eu queria muito mais. Sorri novamente ao pensar em nós dois com mais filhos...uns três, quem sabe? Um cachorro? Um gato? Sei lá...qualquer coisa clichê, mas que ao meus olhos era um quadro, como um que havia em minha casa antigamente, que era a mais pura expressão da felicidade.

Felicidade...como essa palavra era boa. E era melhor ainda saber que eu proporcionava isso às pessoas a minha volta.

—Amor... volte...

A voz preguiçosa de Mel chegou aos meus ouvidos e imediatamente voltei ao quarto, fechando a porta de acesso a varanda.

—Você parecia estar em um sono pesado.

—Sim, mas eu senti sua ausência.

Eu me deitei ao lado dela, que rapidamente se aninhou em meus braços.

Eu a beijei ao mesmo tempo em que acariciava seu ventre.

—Agora que estamos aqui já posso convidar meus amigos para uma visita.

— Vou adorar conhecê-los. Eu já os considero muito.

E era verdade. Saber que Mel encontrou pessoas tão boas quanto se sentia tão só me deixava mais alegre.

—E sua tia e prima também.

—E eu quero conhecer sua amiga e a namorada dela.

Mel e eu conversamos sobre tudo o que nos aconteceu enquanto estávamos afastados. As pessoas que nos fizeram tão bem nesse período já faziam parte da nossa vida.

—Com certeza. Faremos um grande encontro.

—E eu não vejo a hora de poder ver a aurora boreal ao seu lado como sempre sonhamos. É tão lindo...

—Imagino. E fico feliz por você ter tido essa chance, Mel. De verdade. Você merecia isso.

—E agora mereço isso com você e nossa filha. Quem sabe seus pais também?

—Seria incrível.

Eu a apertei mais em meus braços já imaginando essa possibilidade.

—Tudo é incrível quando você está comigo, Daniel. Aceite essa merda.

Eu ri baixinho e percebi, pelo balanço de seu corpo que ela ria também. Eu já tinha aceitado isso. Aceitado minhas qualidades, sem esquecer dos meus defeitos. Já tinha entendido que sou apenas um homem suscetível a erros, mas também muitos acertos. E sem dúvida, meu maior acerto foi entregar meu coração, minha vida a quem de fato o merecia.

Capítulo 3

Abril/2009

Minha intenção era permanecer quieta, escondida... quase uma expectadora apenas apreciando a maravilha que era meu marido. Sei que às vezes pareço uma menininha boba e apaixonada, mas eu não conseguia me controlar perto dele. Parecia que todo o amor que sentia por Daniel triplicou depois de nossa crise. E por isso mesmo não consegui segurar um suspiro audível, o que fez com que Daniel girasse a cabeça instantaneamente para trás. Fui agraciada com seu belo sorriso ao mesmo tempo em que ele esticava a mão chamando por mim.

Era assim quase todas as manhãs. Ele se levantava bem cedo, ia para a cozinha preparar o café e depois sentava à mesa na varanda, usando apenas calça de pijama ou moletom, pés descalços, com o olhar perdido, mas visivelmente emocionado. E eu, feito tola, quando conseguia acordar cedo, não perdia a chance de ir até lá para apreciar a cena.

—Bom dia, amor.

Falou colocando a caneca de café sobre a mesa e vindo em minha direção para me ajudar. Eu estava bem mais pesada que meses atrás, o que não era de se estranhar já que estava quase entrando no oitavo mês de gestação. Era final de abril e estávamos nos dedicando a preparar o quarto de nossa pequena. Houve certa discussão no começo, já que eu preferia uma pintura e Daniel queria papel de parede. E mesmo quando o vendedor da loja de tintas garantiu que o cheiro era tão suave que nem íamos perceber, Daniel recusou.

E só assim percebi que fui tola ao não entender que ele estava apenas preocupado com meu bem-estar e da nossa filha. Passamos então a procurar pelo papel de parede, até que encontramos o ideal em um tom bem suave de amarelo com flores que retratava bem a primavera.

—Bom dia. Você sempre me abandona pela manhã.

—Não abandono. Eu sempre volto para a cama, mas você insiste em vir atrás de mim.

—Eu não resisto à essa cena.

Ele me beijou suavemente nos lábios, tocou meu ventre com carinho, rindo ao sentir nossa pequena se mostrando para ele. Esse era o ritual todas as manhãs, só mudando apenas o cenário. Às vezes ele fazia isso na cama, quando eu não tinha disposição o suficiente para ir atrás dele.

—Vou buscar seu café da manhã.

Eu não sentia fome, mas me obrigava a comer sempre pensando na nossa saúde. E Daniel sempre caprichava, colocando tanta variedade que no final ele mesmo comia.

—O que planeja fazer hoje?

Perguntou ao voltar, se sentando ao meu lado e pegando sua caneca de café que provavelmente já estava frio.

—Eu pensei em lavar as roupinhas da Alice.

Os olhos dele brilharam quando citei o nome de nossa filha. Ficamos muito tempo em dúvida quanto ao nome e quando Daniel confessou que gostava desse eu não pensei duas vezes. Na verdade, eu adorei.

—Mas já? Não é um pouco cedo?

—Eu não acho. Já vou entrar no oitavo mês. E se ela resolve nascer antes?

—Nem brinque com isso. Espero que seja tudo no tempo certo.

—Mas temos que estar preparados para qualquer eventualidade.

—Sim, vamos ficar preparados, mas sem pensarmos em nascimento antes da hora. —Ele se inclinou e colocou uma torrada em minha boca me fazendo rolar os olhos. —Pois muito bem... vamos lavar as roupinhas da Alice.

Daniel não trabalhava mais aos sábados e eu também raramente ia à Sweet

nos finais de semana. Já estava decidido que após o nascimento de Alice começaríamos o projeto de expansão da loja, que evidentemente estava sendo feito por Daniel.

Passamos o restante da manhã lavando as roupinhas de Alice. Eu sempre as cheirava e abraçava antes de colocar para lavar, fazendo Daniel rir. A verdade é que eu me sentia tão plena com essa gravidez que antes mesmo de Alice nascer eu já começava a pensar em outros filhos.

—Será que nosso próximo bebê será menina ou menino?

—O que? —Ele me encarou assustado, segurando o macacão branco que tinha acabado de enxaguar. — Nossa Alice nem nasceu e você já está pensando em outro?

—Você não quer?

—Bom, é claro que quero, mas confesso que no momento meus pensamentos estão todos voltados para nossa filha. Acho que quero curtir nossa princesa um bom tempo antes de tentar outro.

—Cinco anos. O que acha?

—É uma boa distância. Concordo. Mas se você continuar nesse fogo após a gravidez teremos que redobrar nossos cuidados.

Eu ri, mas sentindo minhas bochechas arderem. Era fato que meus hormônios ainda não tinham se acostumado à volta de Daniel em minha vida e andavam mais afoitos do que nunca. Ele riu também e beijou meu pescoço, me fazendo estremecer. Estávamos bem demais e eu não queria que isso se perdesse nunca. Eu o tinha ao meu lado todos os dias, curtindo cada momento de nossa vida a dois... em breve a três.

Não vou dizer que aqueles dias tristes em que imaginei que o tinha perdido para sempre foram esquecidos. Não vou dizer que passei uma borracha sobre e nem me lembrava mais da dor porque estaria mentindo. Eu não esqueci e nem pretendia, assim como acredito que deve ser com Daniel. Por mais que tenha doído, que tenha magoado, isso foi parte de nosso crescimento, de nosso amadurecimento e até mesmo da prova do quanto nosso amor era forte. Não que precisássemos disso.

Eu sempre ia me lembrar de algumas noites de inverno sozinha, imaginando o homem que eu amava nos braços de outra mulher. E saber que ele estava na realidade em uma clínica se tratando também doía. Acredito que até mesmo a dor, a tristeza e a saudade fazem parte dessa incrível e difícil arte que é amar. Não podemos ser iludidos e achar que um relacionamento será apenas flores, beijos, carinhos e abraços. Claro que, seria melhor ter passado por uma crise ao lado dele. Pelo menos esse afastamento serviu para uma coisa. Para mostrar que somos tão unidos e apaixonados, que até mesmo nos piores momentos a saída é permanecemos juntos, lutando um ao lado do outro. Acredito que agora aprendemos.



Eu olhei desolada para o meu carro mais uma vez. Por mais que eu insistisse com Daniel e dissesse que eu tinha condições de dirigir, ele sempre retrucava. Às vezes eu ficava aborrecida, mas no fundo eu sabia que ele estava certo. Minhas pernas estavam mais pesadas e a barriga atrapalhava um pouco, mas só um pouco. Indo devagarinho, eu bem que ia conseguir chegar onde queria sem ter que pegar um taxi ou pedir a Juan para me levar... como agora.

—Nem adianta ficar olhando com essa cara. A última coisa que quero na vida é entrar em uma discussão com Daniel. O cara anda mais protetor do que nunca.

—Isso é verdade. Ele é tão lindo, não é?

Juan rolou os olhos e abriu a porta do carro para mim.

—Você não era tão melosa assim, Mel.

—Você sabe que sim.

—Bom... era, mas era mais contida. Agora você suspira pelo cara o dia todo.

—Você devia me respeitar, ok? Além de grávida eu passei meses longe dele. Você não imagina o que é passar noites e mais noites longe dele.

—E nem quero imaginar noites com ele ou você me mata.

Eu ri dando um soco em seu braço.

—Não é pelo sexo, entende? Ou só pelo sexo. É pelo carinho, pela forma como ele me abraça e me beija antes de dormir. Ou até mesmo quando acordamos ao lado do outro. É por tudo isso.

—Cumplicidade.

—Sim.

—Mas não fique pensando nisso mais, querida. Ele está de volta, vocês estão insuportavelmente felizes e daqui a pouco nossa bonequinha vem para coroar ainda mais esse relacionamento.

—Certo. Agora vamos logo ou quando chegar ele já terá saído para o almoço.

Eu quis fazer uma surpresa para Daniel, indo até a construtora para roubá-lo para o almoço. Claro que seria mais romântico se eu fosse dirigindo, mas na atual circunstância eu não podia reclamar muito.

—Obrigada Juan. —Falei dando um beijo em sua bochecha assim que ele me ajudou a sair do carro. — Pode ficar com o carro hoje. Daniel me leva para casa.

—Aproveitem bastante. E se cuide. Essa barriga parece cada dia maior.

Apenas fiz uma careta e acenei para ele. Entretanto, ele permaneceu ao volante, sem dar a partida no carro.

—Tem certeza de que não quer que eu a acompanhe até lá dentro?

—Estou grávida, não inválida. Agora vá.

Ele retribui minha careta e deu a partida. Então eu girei para entrar na construtora, mas parei imediatamente ao ver Daniel saindo. Ele estava alegre, solto... rindo. Rindo realmente feliz, a ponto de jogar a cabeça para trás. Mas o que me deixava paralisada era o fato de ele estar fazendo tudo isso abraçado a

uma mulher que o envolvia pela cintura. E de repente ele a puxou um pouco deixando um beijo em sua cabeça.

Quem diabos era aquela mulher e por que os dois se tratavam com tanta intimidade? Era alguma cliente? Não poderia ser. Daniel nunca agiria assim com uma cliente. Eu inspirei tentando acalmar as batidas do meu coração. Mas foi inútil.

Eu senti todo meu corpo tremer ao mesmo tempo que uma onda de calor absurda me queimava. Eu sentia que até meus olhos estavam flamejantes. Novamente, após muitos meses eu voltava a sentir aquilo que tinha o gosto mais amargo que eu já provei. Ciúme.

Capítulo 4

Senti o suor escorrendo pelas minhas costas, mas aquilo estava longe de me incomodar. A recente onda de calor talvez fosse um prenúncio de como seria o verão por aqui. Nem isso tirava minha disposição hoje. Eu estava trabalhando em uma das áreas que eu mais gostava em minha profissão que era estar ali, no meio da construção, verificando passo a passo, vendo com orgulho cada parede do meu projeto ser erguida.

Admito, porém, que muitas vezes era quase difícil segurar a vontade de literalmente colocar a mão na massa. Isso me levava de volta aos tempos em que trabalhei como pedreiro, mestre de obras e assim galgando cada degrau até chegar onde estou hoje. Eu realmente gostava daquilo. Nunca me senti constrangido ou inferior por ter começado bem na parte de baixo da pirâmide da construção civil. Eu me lembro com orgulho de cada construção na qual trabalhei, que dei o melhor de mim.

Profissionalmente falando, eu não me arrependo de nada do que fiz até hoje. Ter abandonado a faculdade de direito foi sem dúvida uma das maiores, melhores e sensatas escolhas que fiz na vida. Inevitável, quando me lembrava disso, pensar em quem esteve ao meu lado me apoiando. Quem realmente me incentivou a tentar, a lutar e principalmente a não ter medo de começar tudo de novo.

Incrível como Mel estava presente em cada detalhe importante de minha vida. Tudo me remetia a ela, até mesmo detalhes pequenos e que poderiam passar despercebidos. Já me perdoei pelos meus erros e minha mente não me massacra mais por ter feito aquela mulher incrível sofrer. O meu amor por ela foi tão forte e inesperado que em minha inocência sentimental acreditei que nossa vida seria um eterno romance.

Hoje vejo que foi mesmo muita ingenuidade pensar assim. Foi ingenuidade acreditar que o casamento dos meus pais, por exemplo, sempre foi um mar de rosas. Dias atrás conversando com meu pai, ele me confidenciou que ele e minha mãe já tiveram inúmeras crises, a ponto de dormirem separados, se

afastarem por alguns dias. Porém, faziam isso tão discretamente que eu nunca percebi. Acho que foi necessário ter passado por todo aquele sofrimento para finalmente entender que Mel e eu somos humanos e apesar de parecer que nos encaixávamos perfeitamente bem, temos muitas diferenças. É obvio que em determinado momento vamos discordar de algum ponto.

Entretanto, como lição, o que ficou de mais importante para mim é que, o amor não pode ser uma via de mão única. Por amor a ela, eu não posso jamais ocultar coisas como fiz antes. É certo que, sempre um segredo ou outro vai existir. Isso faz parte da individualidade. Mas nada que possa interferir em nosso relacionamento, não pode ser algo que fere. Amor compartilha alegrias, vitórias, dores, medos. É nisso que venho trabalhando a cada dia, sem obviamente, a ilusão de que nunca mais haverá discussão entre nós. Haverá, mas sem afastamento, e principalmente sem provocar mágoas.

—Tem alguma coisa errada, Daniel?

Eu girei a cabeça e encarei Tom, que estava ao meu lado aguardando meu posicionamento a respeito de um dos materiais entregue.

—Não, Tom. Está tudo correto. É isso mesmo. Eu que me perdi em pensamentos aqui.

Ele sorriu, provavelmente percebendo em que eu pensava. Nunca conseguiria agradecer a Tom o suficiente por ter me ajudado no momento em que surtei e não fazia ideia do que estava acontecendo. Quando retornei ao trabalho e o procurei para agradecer, insisti para que me contasse em detalhes tudo o que aconteceu naquele dia. Eu não me lembrava de nada, felizmente.

—Bom, eu já estou indo almoçar. Já avisei ao Bruce.

—Sim, claro. Eu vou voltar ao escritório agora e depois vou ver se Mel quer almoçar fora. Quer uma carona?

—Se não for incomodar.

—De jeito nenhum. Vamos lá.

Ainda não estava no horário habitual para almoçar então eu poderia dar uma mais uma olhada no projeto. Eu tinha essa mania de verificar mais uma vez

sempre que via as paredes sendo erguidas. Nesse momento eu fechava meus olhos e imaginava tudo pronto, em condições de uso. Foi assim que fiz durante todo o tempo em que construí nossa casa.

Porém nem tive tempo de fazer isso e o telefone tocou em minha mesa. Atendi rapidamente, rolando os olhos ao ouvir a voz da secretária. Era inútil dizer a ela para não me chamar de senhor. Eu já tinha desistido.

—Senhor Edgcomb? Há uma moça aqui que deseja falar com o senhor.

—Eu não estou esperando ninguém, Allie. Qual o nome?

—Ela diz se chamar Camila, senhor.

—Não! —Falei surpreso, com um sorriso enorme já me levantando. —Deixe- a entrar, Allie. Obrigado.

Eu me afastei da mesa e estava caminhando até a porta quando ouvi uma batida e em seguida a porta foi aberta. Meu sorriso se agigantou ainda mais ao vê-la sorrindo. Os cabelos castanhos estavam soltos e ela usava um vestido solto e florido que a deixava com uma aparência leve, livre.

—Dani! Ai que saudade do meu gato.

Eu rolei os olhos ao ouvir o apelido ridículo, mas a puxei para os meus braços, ignorando o olhar reprovador de Allie. Ao contrário de muitas histórias que já ouvi falar, apesar de jovem e bonita, Allie não era do tipo que se atirava sobre o chefe tentando seduzi-lo. Pelo contrário, ela adorava Mel e por isso me olhava daquele jeito.

—Que surpresa maravilhosa, Camila. Como você está?

Eu falei depois de a esmagar nos braços e me afastar um pouco, segurando sua mão e a olhando de cima a baixo.

—Está linda. Dizem que o amor transforma as pessoas. Acho que há um pingo de verdade nisso aí. Você está incrível.

—Obrigada. Mas o que dizer de você? Até desejei ser hetero agora.

Eu ri alto e a puxei novamente, sem seguida a direcionando até a poltrona de couro.

—Que novidade essa de você por aqui?

—Precisava te ver, ora. Saber como estava meu amigo. Não tive mais notícias suas depois que sai da clínica.

—E nem eu tive de você.

—Pois é. Mas você sabe minha situação. Eu precisei sumir um pouco até meus pais pararem de pegar no meu pé.

—Você e Esther...

—Estamos juntas, Dani. E eu estou muito feliz. Tanto que vim atrás de você para contar as novidades. Mas quero saber as suas também.

—Você nem vai acreditar, Camila. Mas vamos almoçar? Eu já ia buscar a Mel.

—Oh não! Eu vou conhecer a famosa Mel?

—Vai conhecer a mulher mais linda, mais incrível e perfeita do mundo.

—Quanto amor, meu Deus. Vocês estão bem, Dani?

—Bem é pouco. Vamos lá. Agora estou ansioso para apresenta-la a você.

—Ela sabe sobre mim?

—Sabe o básico. Sabe por exemplo que você é minha amiga e que nunca ia olhar para mim com outros olhos.

Ela gargalhou, dando um tapa em meu ombro.

—Eu sei... a Mel é ciumenta.

—Não é. Mas eu já estava na corda bamba, então achei melhor deixar tudo explicado logo de cara.

Quando saímos de minha sala, eu estava com o braço sobre o ombro de Camila e o olhar de Allie sobre nós foi tão frio que cheguei a pensar se não seria o caso de apresentar as duas. Mas eu achei divertido a forma como ela me recriminava só com o olhar, então não fiz as apresentações. Se ela fosse do tipo fofoqueira, certamente ia ligar para Mel assim que eu saísse.

—Sua secretária é a fim de você?

—Não. Ela adora a Mel. Deve estar me xingando de todos os nomes imaginando que você é alguma vadia que está dando em cima de mim.

—Sério? Eu sempre achei que eu tinha todo um jeito de lésbica.

Já estávamos do lado de fora do prédio da construtora, eu ainda com o braço em volta do ombro dela. Ela me abraçava pela cintura como costumava fazer quando estávamos na clínica. Ri alto, jogando a cabeça para trás, me divertindo com aquele absurdo. Depois a puxei mais um pouco e deixei um beijo em sua cabeça.

—Ridícula. Não tem nada disso e sabe muito bem.

—Ah sei lá... eu...

Eu ainda estava rindo quando ergui a cabeça e vi Mel parada a alguns passos, olhando para nós com uma expressão nada agradável. Eu não esperava por ela aqui e estranhei, franzindo a testa.

—Mel?

O nome atraiu imediatamente a atenção de Camila que se desvencilhou de mim.

—Meu Deus! Essa é a famosa Mel? —Mel olhou de Camila para mim com um jeito interrogativo no olhar. —Jesus, Dani! Você vai ser pai? Não acredito!

Antes que eu dissesse mais alguma coisa eu a vi correr até Mel com as mão estendidas, mas parou subitamente.

—Você é realmente linda, como o Dani falou. E essa barriga é a coisa

mais perfeita que já vi na vida.

Rapidamente eu me aproximei e passei o braço em volta do ombro de Mel, dando um beijo rápido em seus lábios, vendo que ela ainda permanecia tensa.

—Oi amor, que surpresa. Já ia buscar você para o almoço. Mas antes, quero que conheça minha amiga Camila.

—Camila? A sua amiga da clínica?

—Sim, linda. Eu mesma. É um prazer conhecer você.

—O prazer é meu Camila.

Mel respondeu finalmente relaxando. Espere... ela imaginou o que? Somente agora eu me dei conta de que ela ficou incomodada ao me ver com Camila.

—Posso, por favor, tocar essa barriga?

—Claro.

Mel falou sorrindo e eu ri também ao ver Camila tocando o ventre de minha esposa. Nunca imaginei que minha amiga tivesse um instinto maternal, mas parecia que sim, visto a emoção em seus olhos.

—Ai Dani, nem quero imaginar sua emoção quando descobriu a gravidez. Olhe... eu estou até tremendo. Estou tão feliz por vocês!

—Obrigado. E eu espero essa mesma felicidade para você.

Eu falei colocando o outro braço sobre seu ombro.

—E estou. É por isso que estou aqui. Oh droga... eu vim convidar vocês para serem meus padrinhos. Esther e eu vamos nos casar.

Mel e eu a abraçamos, felizes com aquela notícia. Mel, agora bem mais relaxada, a agradeceu por ter me feito companhia na clínica.

—Nós fizemos companhia um ao outro, Mel. Estávamos os dois

quebrados. Mas teve o lado bom. Nós nos tornamos amigos e eu espero cultivar essa amizade para sempre.

—Com certeza.

Abraçado a Mel, seguimos até o carro e assim que ajudei Mel a se ajeitar no banco e fechei a porta, Camila me cutucou, rindo e remexendo as sobrancelhas.

—Não é ciumenta, hã? Ela quis me matar com o olhar, sabe disso.

—São os hormônios, sua boba. Mel sabe que depois dela mulher nenhuma tem chance comigo. Sou inteiramente dela.

E era verdade. Mel sabia disso. Ela entrou em minha vida e fechou todas as portas para outras mulheres. Como eu disse, nossa vida não seria um eterno romance. Mas o amor? Ah esse estaria presente todos os dias de nossa vida.

Capítulo 5

Camila era louca. Divertida, mas louca. Enquanto aguardávamos o almoço no meu restaurante favorito, eu observava a interação entre ela e Daniel e me divertia com a conversa. Ela era um espírito livre, cheio de energia, mas algo me dizia que não foi sempre assim. E tive minhas impressões confirmadas por ela mesma. Ela se abriu para a vida depois que perdeu o medo, que deixou de se sujeitar ao preconceito dos pais e jogou tudo para o alto, indo viver seu amor com Esther.

Sorri, vendo os dois rindo de alguma besteira dita, mas que não prestei atenção. Nesse momento eu apenas sentia meu coração transbordando de sentimentos bons, de alegria por saber que mesmo passando por um momento tão difícil, assim como eu, Daniel encontrou uma boa amizade. Eu seria eternamente grata a Camila por ter estado com ele e ter feito com que ele sorrisse um pouco naqueles dias tão frios.

—O que foi, amor?

Daniel perguntou preocupado, colocando a mão sobre a minha e a outra secou uma lágrima que escorreu pelo meu rosto.

—Hormônios. — Falei, mas ainda vendo uma ruga de preocupação em sua testa, eu tentei sorrir. —Pensando no quanto sou grata a Camila por ter feito companhia a você.

—Ora, Mel... não foi nada. Nós nos ajudamos. Não vamos pensar mais naqueles dias tristes, ok? Eu venho tentando não pensar. Claro que, criamos uma amizade e isso foi bom. Mas por outro lado não gosto de me lembrar daqueles dias lá. Quero apenas viver o presente. E nossa... estou tão feliz. Primeiro por estar com Esther e agora vendo vocês juntos, felizes... e ainda por cima pais. Vocês já fizeram chá de fralda? Por favor, digam que não.

Daniel e eu nos entreolhamos. Eu tinha me esquecido completamente

disso, já que estávamos bem focados na decoração do quarto de Alice, e em aproveitarmos a companhia um do outro.

—Não fizemos.

—Ótimo. Podemos fazer. Você convida seus amigos, Mel... esses que você falou que conheceu em sua viagem.

—E sua tia também.

Daniel completou, me encarando com seus olhos brilhantes. Ele parecia animado e de certa forma aquilo me animou também. Mas não podíamos nos esquecer de que eles moravam longe e fazer uma viagem tão longa para um chá de fralda não seria pedir demais? Externei esse pensamento, recebendo um olhar reprovador de Camila.

—Aposto que eles ficarão tão felizes em saber que vocês estão bem e que vão ter um filho que nem vão se importar com a distância. Mas mudando de assunto... vou ter que rever a data do meu casamento. Seria no próximo mês e você já estará dando à luz.

—É verdade.

—E eu não abro mão da presença de vocês. Mas não tem problema, é mera formalidade. Esther e eu já estamos morando juntas.

—Aliás por que ela não veio com você?

—Trabalho. Mas não faltará oportunidade. Quem sabe no chá de fraldas?

Eu ri e rolei meus olhos. Sei que ela não ia desistir, mas prometi pensar sobre o assunto. Daniel não voltou ao trabalho e aproveitamos para levar Camila à Sweet e também à nossa casa. Ela ficou deslumbrada principalmente sabendo que ele ergueu cada parede de nossa casa.

—Já está resolvido. Você será o responsável pela obra de minha casa, Dani. Não vou abrir mão de você.

Foram as palavras dela depois de conhecer toda a casa. Antes de ela ir

embora, fomos visitar meus sogros, que ficaram satisfeitos em ver que a amizade entre Camila e Daniel não se perdeu com a saída dele da clínica. No final das contas, apesar de toda a dor daquela momentânea separação, nós dois conquistamos algo de bom. Verdadeiros amigos.

∞∞∞∞

Eu bocejei, a cabeça deitada sobre o peito nu de Daniel, sentindo seu corpo sacudido por risos enquanto ele assistia ao episódio da sua mais recente série favorita.

—Pare de lutar contra o sono, Mel. Você precisa descansar.

—Não estou lutando. É que, apesar de estar com sono, eu não consigo dormir.

—Está sentindo alguma coisa?

Perguntou se afastando um pouco, e eu pude perceber a tensão em seu corpo.

—Fique tranquilo. Estou bem. Mas é que gosto tanto de ficar assim com você que acho que dormir é um desperdício de tempo.

—Boba. Temos a vida toda pela frente para curtirmos a companhia um do outro.

—Amor, eu estive pensando... — Falei mudando de assunto, deslizando minha mão pelo abdômen rígido. — Não queria magoar a Camila, mas acho que não dá para fazer esse chá de fralda. Quero dizer, chamando minha tia e meus amigos. Fica muito em cima da hora, entende?

—Eu apoio que você decidir, Mel. Não quero que se canse ou se estresse nessa fase final. Quero tudo perfeito na hora de nossa Alice chegar. O que você decidir está tudo bem.

—Mas eu queria tanto ver todos reunidos.

Ele riu da minha inconstância. Queria... não queria.

—Não ria. Pensei que com o passar dos meses meus hormônios iam se acalmar, mas eles parecem cada dia mais rebeldes.

—Aliás, por falar em rebeldes... — Ele girou com cuidado, ficando de frente para mim e passando o braço em volta da minha cintura. —O que foi aquela carinha de brava olhando para mim quando sai da Construtora com Camila?

—O que você acha? —Perguntei sentindo que talvez tivesse enrubescendo. — Eu vi meu marido todo feliz e sorridente ao lado de uma mulher bonita... abraçado a ela. O que eu poderia pensar?

—Que aquele era seu homem e que mulher nenhuma tem chance com ele?

Falou arqueando a sobrancelha e eu balancei a cabeça, enterrando o rosto em seu peito. Inspirei seu cheiro, sentindo meu coração disparar e minha pele arrepiar.

—Nunca imaginei sentir um ciúme tão forte.

—Desnecessário. Amo você, Mel. Não adianta nem ficar falando que te amo, porque o que eu sinto é muito mais forte.

Ele me puxou para mais perto, mas claro, minha barriga enorme impediu maior contato. Ele sorriu quando nesse momento sentimos Alice se mexer. Daniel colocou a mão sobre meu ventre e eu afastei meu rosto para olhar em seus olhos.

—Eu sei. Eu sinto o mesmo. Mas além do ciúme, eu estou tão feliz que chego a ter medo...

—Não tenha. Não pense coisas negativas, Mel. Estamos bem e assim ficaremos, ok?

Eu me encolhi nos braços dele. A segurança de suas palavras e seu olhar firme e ao mesmo tempo apaixonado me tranquilizavam. Talvez fosse apenas um pequeno receio, já que a hora do parto se aproximava cada vez mais. Era normal, não era? Eu esperava que sim.



Fiz uma careta enquanto procurava uma posição melhor na cama. Meu corpo estava dolorido, mas nada preocupante. Eu apenas passei tempo demais em uma mesma posição e isso se refletia agora. Mesmo depois de um banho de banheira, eu ainda sentia algumas dores. Isso, como já era de se esperar, rendeu um bom sermão por parte de Daniel. A verdade é que desde a última semana eu estava com energias acumuladas. Se não fosse a barriga tão grande eu certamente teria feito uma faxina na casa inteira.

—Ah que maravilha.

Eu falei sorrindo quando Daniel colocou meus pés sobre seu colo e começou a massagear. Mesmo aborrecido com o que ele chamou de irresponsabilidade, não deixava de pensar em meu bem-estar.

—Amo essa massagem.

—Queria muito acreditar que isso foi um golpe para ganhar minha massagem, mas como eu sempre faço mesmo sem você pedir, só posso dizer que foi rebeldia mesmo.

—Pare com isso, amor. Eu me sinto bem. Não sou uma inválida, ok? Enquanto eu conseguir trabalhar, vou continuar.

—Sim, concordo, mas nada de extrapolar. Você passou tempo demais de pé lá na Sweet que eu sei.

—Juan é um fofoqueiro.

—É seu amigo. E se preocupa com você.

—Ok, já entendi. Mas como eu disse, está tudo bem. Foi só um surto de energia que eu precisava gastar.

—Poderia gastar de outra forma.

Ele falou lançando seus olhos sobre mim, a mão subindo lentamente pela minha panturrilha provocando arrepios em meu corpo. Eu mordi meus

lábios, sentindo a excitação percorrer cada área sensível do meu corpo. Ele sorriu de lado quando fui incapaz de segurar um gemido só de imaginar o que faríamos a seguir.

Mas infelizmente nem tivemos tempo, já que o celular dele tocou e Daniel se levantou para atender, após deixar um beijo em meu pé. Eu o acompanhei com o olhar, desejando arrancar o aparelho de sua mão. Eu já não podia dar a desculpa de hormônios, porque eu já estava praticamente entrando no último mês de gestação e o desejo por meu marido explodia a cada olhar, cada toque. Nada de hormônio aqui. Era simplesmente amor, paixão demais.

—Já volto, amor.

Estreitei meus olhos o observando sair do quarto. Não que eu estivesse desconfiando de Daniel, mas era a quarta vez que ele saía de perto de mim para falar ao telefone. Aquilo estava me incomodando e com certeza eu ia ter uma conversa com ele. Nem me passava pela cabeça que fosse outra mulher, ou algo parecido. Eu confiava no nosso amor. Depois de tudo pelo que passamos, em vez de desconfiar, eu passei a confiar ainda mais nele, pelo menos em relação a nós dois. Eu só temia que ele estivesse novamente aceitando mais trabalho do que deveria. Eu não ia me calar dessa vez.

Fechei meus olhos enquanto esperava por ele, porém quando voltei a abrir meus olhos, eu estava confortavelmente deitada na cama e não recostada na cabeceira. E ao meu lado, Daniel ressonava tranquilamente. Já era madrugada e eu sequer vi quando ele voltou ao quarto. Realmente precisávamos conversar sobre esses telefonemas. Mas por enquanto eu me contentava em me encolher nos braços dele, que mesmo dormindo, enlaçou minha cintura. Na manhã seguinte ele não escaparia de uma boa conversa.

Capítulo 6

Sei que pareço um tolo, parado ao lado da cama, apenas admirando minha mulher enquanto dormia. Ela já tinha chutado o lençol para longe, o que me permitia ver seu corpo completamente. Deitada de lado, usando apenas camiseta e calcinha, ela repousava a mão sobre o volumoso ventre. Inevitavelmente eu sorri, mal me aguentando de vontade de ver o rostinho de nossa Alice. Parecia que nas últimas semanas sua barriga tinha crescido ainda mais, o que não era assustador, pelo contrário. Para mim significava que nossa filha crescia bem e cheia de saúde.

Mas me preocupava a explosão de energia de Mel, que nos últimos dias estava trabalhando muito, tanto na Sweet quanto na cama comigo. Eu me lembro bem de quando minha mãe me contou que poucas semanas antes de meu nascimento ela se comportou exatamente como Mel. Mas ainda não estava na hora. Faltavam três semanas... eu esperava que Alice tivesse paciência.

Fazendo o possível para não a acordar, eu me vesti no closet, após ter tomado banho no banheiro social. Eu conhecia minha esposa bem o bastante para saber que ela devia estar curiosa sobre o telefonema de ontem à noite, e, certamente ia me confrontar hoje.

Eu sabia que estava quebrando minha promessa de não esconder nada dela, mas de que outra forma eu poderia fazer uma surpresa? Sei que ela ficaria feliz, depois de me dar um esporro, é claro, mas sei que seria perdoado. Assim que terminei de me vestir, sai do quarto ainda cautelosamente e segui até a cozinha, preparando o café. Ainda nem eram seis da manhã, mas eu precisava agilizar as coisas, sempre torcendo para que Mel não acordasse muito cedo.

Às seis e meia eu já tinha tudo pronto e abria a porta para que minha mãe entrasse.

—Bom dia, mãe.

—Oi querido. Bom dia. Cheguei a tempo?

—Sim. Obrigado por ter vindo. Não quero deixar a Mel sozinha.

—Sabe que acordo cedo e não é incômodo nenhum paparicar minha nora.

—Estou vendo.

Falei arqueando a sobrancelha ao olhar para o pote em sua mão. Com certeza eram os cookies preferidos de Mel, e que minha mãe fazia questão de fazer sempre.

—Não seja ciumento.

—Não sou. Não em relação a isso. Mel merece ser paparicada.

Falei dando um beijo em seu rosto e fechando a porta da sala.

—O pai está bem?

—Sim. Curtindo preguiça na cama. Disse que vem mais tarde.

—Ele está se cuidando daquela dor, não é mãe?

—Está sim. Não estou dando trégua para ele, fique tranquilo. Age como um garoto mimado, mas eu não me importo.

—Ótimo. Não deixe de me falar se precisar de qualquer coisa.

—Como se precisasse. Você anda depositando dinheiro demais naquela conta, Daniel. Eu já disse que não precisa. você vai ter um filho agora e...

—Mãe. — Eu a interrompi segurando seu rosto entre minhas mãos.
—Estou recebendo muito bem e Mel tem um faturamento excelente na Sweet. Nós temos condições de proporcionar isso a vocês, ok? É o mínimo que eu posso fazer. Mesmo sem muitas condições eu pude chegar até aqui graças a vocês. Eu não estou fazendo favor algum, está bem?

Ela me abraçou e eu fechei meus olhos sorrindo. Não podia nem

pensar em perder qualquer um deles. Mas meu pai esteve reclamando de algumas dores, o que me deixou alerta e preocupado.

—Eu preciso ir agora. Tente convencer a Mel de que não estou fazendo merda, ok?

—Vou tentar. Já está na hora?

—Sim. Eu volto logo.

Eu me despedi da minha mãe e sai, usando o carro de Mel. Eu tinha quarenta minutos até o horário marcado, portanto eu não precisava ter pressa enquanto dirigia. Cheguei vinte minutos adiantado e aproveitei para pegar a lista e conferir mais uma vez tudo o que eu tinha que fazer. Era tanta coisa que minha única opção foi escrever tudo, cada detalhe, ou eu corria o risco de ter minhas orelhas arrancadas. E não estava reclamando de nada. Eu estava adorando, na verdade.

Minha única dificuldade foi escapar do olhar raivoso de Mel, além é claro, do cerco que ela fez à minha volta assim que cheguei em casa cerca de sete horas depois de ter saído feito um amante fugitivo. Ela estava na cozinha com minha mãe quando cheguei. Admito que seu olhar me provocou um arrepio na espinha, porém, eu fiz esforço para disfarçar meu incômodo.

—Oi amor... desculpe, acabei demorando mais do que o previsto.

—Demorando aonde? Estava na construtora?

Pensei em responder que sim, mas e se ela tivesse ligado para lá? Seu olhar permanecia firme no meu e rapidamente eu olhei para minha mãe que tentava disfarçar o riso, enquanto cozinhava algo no fogão.

—Estive na obra. Era algo simples de resolver a princípio, mas acabei me enrolando todo e... enfim, agora está tudo certo.

—O que nós combinamos a respeito desse excesso de trabalho, Daniel? Você me prometeu.

—Eu sei, amor. —Falei me ajoelhando à sua frente, quase me

arrependendo daquilo. —Eu juro que foi só hoje. É porque... isso ia atrapalhar o andamento entende? Eu não estou trazendo trabalho para casa como prometi. Por favor, não fique com raiva.

Certo, eu estava implorando. E o arrependimento retorcendo minhas entranhas. Inferno... eu ia abrir o jogo com ela. Entretanto, minha mãe deve ter percebido como eu estava prestes a fraquejar e veio em meu socorro.

—Ela não está com raiva, meu bem. Só preocupada, afinal você não falou nada. Mas agora vá tomar um banho. Fica tocando em minha nora quando deve estar cheio de poeira e pó de cimento. Vá logo.

Mel sorriu fraco, sem mostrar seus dentes perfeitos, o que deixava bem claro que aquele não era um sorriso verdadeiro. Eu me levantei e sai da cozinha, correndo para o quarto. Agora eu só precisava convencer Mel a sairmos um pouco. Precisava urgente de uma desculpa qualquer. Droga... não deveria ter combinado isso também? Eu não costumava ser muito criativo.

∞∞∞∞

Resignada. Essa foi a palavra mais suave que encontrei para mostrar o estado em que Mel se encontrava agora. Eu poderia dizer irritada, enfurecida, emburrada, mas essa com certeza foi a melhor para minha sanidade. Só de pensar que ela poderia ficar com raiva de mim o resto do final de semana era o suficiente para me deixar angustiado. Mesmo sabendo que ela logo ia se abrir em sorriso quando descobrisse a verdade.

—Amor, por favor.

Falei colocando a mão sobre a dela enquanto dirigia até a Sweet.

—Eu disse nada de trabalho nos finais de semana, Daniel. Além de ir para a Construtora hoje cedo ainda quer que eu vá verificar alguma modificação no projeto da Sweet? Francamente... não poderia esperar outro dia?

—Desculpe. É que fiquei tão empolgado. Eu queria mostrar logo para

você.

Ela suspirou e virou a cabeça, olhando pela janela. Mas depois de um tempo voltou a me olhar e apertou seus dedos entre os meus.

—Tudo bem. É que eu só queria ficar curtindo esse sábado com você. Desculpe se estou sendo injusta.

—Não está. Eu entendo você. Mas eu garanto que mais tarde vamos nos divertir muito, está bem? É uma promessa.

—Ok. Não quero brigar. Eu só fiquei assustada de você não estar em casa e ainda por cima pedir para que Natalie ficasse comigo.

—Eu não pedi. Ela que se ofereceu.

—Ela disse que você pediu.

Eu me calei, afinal não combinei com minha mãe o que ela deveria dizer. Culpa minha, então o melhor seria deixar o assunto de lado. Felizmente já estávamos chegando e assim o assunto se perdeu. Desci rapidamente, dando uma olhada furtiva para dentro da Sweet enquanto abri a porta para Mel. Ela franziu a testa ao ver que as cortinas não estavam afastadas como sempre.

—O que foi?

—Preciso ter uma conversa séria com a Patty. Ela sempre se esquece de afastar essa maldita cortina.

Eu preferi me manter em silêncio enquanto caminhava com ela até a entrada, o braço firme em volta da sua cintura. Parei um passo à frente e empurrei a porta, a guiando com a mão em suas costas. Ela parou subitamente e ofegou. Eu permaneci parado atrás dela. E à nossa frente estavam além dos funcionários da Sweet, meus pais, Camila e Esther, Frederick e Laura, Verna, sua filha Polly com o marido Kevin e o filho Ben. Estava tudo enfeitado com balões amarelos e brancos, além de vários outros enfeites todos com motivos infantis.

—Bem-vinda ao seu chá de bebê, Mel.

Camila gritou espalhafatosa como sempre. Eu dei um passo a frente e segurei a mão de Mel, que ao me olhar tinha o rosto já molhado pelas lágrimas.

—Vocês armaram tudo. Você e ela.

—Desculpe por ter mentido, amor. Era surpresa.

—Meu Deus... meus amigos... minha família.

Eu pensei que ela fosse caminhar vagorosamente como estava sendo ultimamente, para abraçar seus amigos e parentes. Entretanto ela girou ficando de frente para mim, um soluço escapando de seus lábios.

—Eu briguei com você. Desculpe.

—Pare de bobagem. Eu sabia que isso ia acontecer. O que me importa é a reunião de nossos amigos para celebrar a chegada da Alice, amor. Venha... vamos cumprimentar todos.

Verna foi a primeira a se aproximar, pegando Mel em um abraço apertado. Eu me mantive ao lado dela, esperando enquanto ela cumprimentava um por um. Amigos... tantos amigos que encontramos em um momento complicado de nossa vida. Pessoas que amavam minha Mel a ponto de sequer titubearem quando entrei em contato convidando para esse momento.

Não foi preciso que ela me apresentasse aos amigos e parentes, já que eu mesmo os recebi no aeroporto. Mas enquanto aproveitávamos o divertidíssimo chá de fraldas, eu tive a oportunidade de conversar com cada um deles. E principalmente tive a chance de agradecer por terem estado ao lado da minha Mel quando ela mais precisou.

Capítulo 7

Mimada. Era assim que eu me sentia. Tão mimada quanto minha Alice que sequer tinha nascido. A montanha absurda de presentes era apenas uma das tantas demonstrações de como minha filha seria paparicada por todos eles. Amigos, parentes... família. No final, estávamos formando uma bela família. Confesso que ainda não tinha me recuperado totalmente da surpresa. Quando eu ia imaginar que aquela conversa de Camila se transformaria nisso?

Uma festa que estava mais parecendo um batizado ou festa de aniversário, com direito a presença ilustre de meus amigos que vieram de longe, assim como minha tia, prima e família. Eu nunca ia me cansar de agradecer à Camila pela ideia maravilhosa. E agradecer principalmente ao homem da minha vida. Ao homem que se arriscou a receber meus resmungos e cara amarrada por estar fazendo algo errado.

Eu o observava enquanto conversava com Frederick e Kevin, e meu coração se acelerava de um jeito bobo, inevitavelmente eu sorria.

—Agora entendo toda aquela sua tristeza e medo de perder o marido. Que homão é esse, Mel?

Eu ri, sacudindo a cabeça ao ouvir as palavras de Polly. Minha tia também ficou encantada com ele, principalmente com o cuidado e atenção que teve comigo o tempo todo.

—É meu, Polly.

—Alguém duvida disso? Ele não consegue tirar os olhos de você. Mas só me diga uma coisa... estão bem mesmo?

—Sim. Estamos maravilhosamente bem.

—Graças a Deus, minha filha. – Tia Verna falou segurando minha mão. —Que história mais complicada foi essa na qual vocês se meteram

hein? Mas pelo menos está bem claro que vocês se amam muito. Passaram por um momento complicado e voltaram mais fortes para aguentarem todas as dificuldades.

—Eu espero que sim, tia.

Eu contei brevemente a elas o que realmente aconteceu, mas não entrei em tantos detalhes. Não queria ficar falando sobre momentos tristes em uma festa tão cuidadosamente planejada.

—Coitado do Daniel, Mel. Ele estava tão aflito, mas ao mesmo tempo tentando ser atencioso conosco. Não queria nos deixar em um hotel, mas também não podia nos levar para sua casa.

—Imagino. Daniel adora receber bem as pessoas. Mas agora irão lá para casa, não é? Há espaço suficiente para receber vocês, Laura.

—De jeito nenhum. Não se preocupe conosco.

Bom, de fato não havia tanto lugar assim, já que obviamente eu levaria minha tia e prima para minha casa. Se eu pudesse levaria todos. Eram queridos demais e pessoas assim eu fazia questão de manter sempre por perto.

Já quase no final da festa, Daniel se sentou ao meu lado e eu apoiei a cabeça em seu ombro. Estava cansada, mas não queria que chegasse ao fim. Quando conseguiríamos reunir todos novamente?

—Cansada?

—Um pouco. Vou ganhar uma massagem quando chegarmos em casa?

—Você sabe que sim. Mas agora você pode ficar um pouco aqui com nossos amigos? Eu preciso levar meus pais para casa. Meu pai está parecendo muito cansado e isso está me preocupando.

Eu também percebia o cansaço e até certa apatia em Nolan, mas preferi não comentar nada com Natalie. Queria conversar primeiro com Daniel e o instruir a acompanhar o pai em uma consulta. Não que eu

achasse que estava nos escondendo algo, mas Nolan era teimoso e eu duvidava que falasse sobre todos os sintomas para o médico.

—Pode ir tranquilo, querido. Vou ficar bem. Eu só acho que você devia acompanhar seu pai na próxima consulta que fizer ao médico.

—Você também está percebendo que ele não parece bem, não é?

—Sim.

Respondi e ele engoliu seco. Coloquei a mão na lateral do seu rosto e o beijei suavemente. Odiava vê-lo sofrer.

—Vá lá e volte logo para mim.

—Sempre.

Eu o acompanhei com meu olhar apaixonado, ouvindo a risada de Polly e Camila ao meu lado. Infantilmente mostrei língua para elas no momento em que Frederick se sentava ao meu lado.

—Adorei Daniel. Parece ser uma pessoa incrível.

—E ele é, Frederick. Por isso eu o amo tanto.

—Cuidem desse amor com carinho. É muito bonito ver vocês dois juntos.

—Assim como é com você e Laura. Mas não está se despedindo, não é?

—Estamos indo para o hotel. Mas Daniel nos convidou para o almoço amanhã.

—Oh... bandido. Não me falou nada.

—Provavelmente ia dizer quando chegassem em casa. Ele me pareceu muito preocupado com o pai.

—Confesso que eu também.

Conversei mais um pouco com Frederick e assim que Daniel voltou ele me ajudou a ficar de pé. Meus pés doíam consideravelmente, mas eu precisava dizer algumas coisas antes de ir para casa.

—Gente, muito obrigada pela surpresa. Realmente nem me passou pela cabeça que essa maluca da Camila ia fazer mesmo o chá de fraldas. E muito menos que ia conseguir reunir as pessoas mais importantes da minha vida.

—Da nossa vida.

Daniel me corrigiu e eu concordei.

—Sim, da nossa vida. Meus sogros que já foram embora, mas que sabem que são como pais para mim e são os melhores do mundo para Daniel. Todos os funcionários da Sweet que seguraram as pontas e cuidaram de tudo com carinho quando estive ausente. Camila que se tornou uma grande amiga para Daniel em um momento tão difícil. Frederick e Laura que também se tornaram amigos quando eu pensei que fosse desmoronar. Minha tia, Polly, Kevin, Ben... minha família. Ficamos afastados por tanto tempo e mesmo assim me receberam de braços abertos, me ajudando a suportar a ausência de Daniel. Eu só queria deixar meu agradecimento e externar minha felicidade por ter vocês aqui hoje. Eu espero do fundo do meu coração que possamos ter outros encontros assim, seja onde for. Porque essa amizade que conquistamos é algo tão raro hoje em dia. Não vamos deixar que se perca, por favor. Muito obrigada mesmo. De coração.

Eu chorava quando terminei de dizer aquelas palavras e Daniel me abraçou de lado. E dessa vez eu nem podia culpar os hormônios. A culpa toda era da felicidade que ter amigos de verdade me proporcionava.

∞∞∞∞

Meu corpo estava arrepiado, suado, cansado, mas ainda assim eu sorria sentindo os beijos de Daniel em minhas costas. Lenta e cuidadosamente ele abandonou meu corpo, se mexendo na cama ainda ofegante. Ainda tentando recuperar meu fôlego, eu ergui minha mão,

simples gesto, mas que ele entendia muito bem. Passou com cuidado sobre meu corpo e se deitou à minha frente, segurando minha mão.

Eu não poderia nunca dizer que não gostava de fazer amor com ele naquela posição, porque tudo com Daniel era incrível, mas eu gostava de olhar em seu rosto quando ele alcançava o ápice do prazer, e estando de costas para ele isso era impossível. Porém, era das posições mais confortáveis para mim atualmente.

—Tudo bem?

—Maravilhosamente bem.

Respondi com um sorriso satisfeito. Estávamos a sós novamente, depois da visita de três dias da minha tia e dos meus amigos. Eu ainda me emociono sempre que penso na grande surpresa preparada por Daniel e Camila. E eu que cheguei a ficar brava com ele por causa das suas saídas e dos telefonemas misteriosos. Justo eu que sempre bati na mesma tecla de que, nunca devemos julgar sem conhecimento da verdade.

—Acho que não agradei você o suficiente.

—Você está feliz. Isso é tudo o que importa.

—Já parou para pensar na grandeza de nossa vida? Mesmo em um momento tão complicado nós dois encontramos pessoas tão especiais... que agora se juntaram a outras tantas especiais que estiveram aqui por nós. Isso é incrível.

—Sim, eu estive pensando nisso quando fui buscar sua tia no aeroporto. Por mais que a gente pense que está sozinho, a verdade é que nunca está. Sempre tem alguém ali, do nosso lado, às vezes até anonimamente nos ajudando.

Ele entrelaçou os dedos nos meus, se aproximando um pouco mais e colocou nossas mãos entrelaçadas sobre meu ventre.

—Está chegando a hora. Está tão ansiosa quanto eu?

—Muito. Eu só tento disfarçar, mas eu estou louca para ver a carinha

dela.

—Não me importa se será parecida comigo ou com você, só torço para que ela herde sua personalidade magnânima, altruísta.

Eu pisquei com os olhos cheios de lágrimas, apertando a mão dele.

—E eu espero que ela herde toda a força do pai. Toda garra e vontade de vencer. Toda simplicidade.

—Mas que venha com saúde.

Falamos juntos e ele uniu nossos lábios. Depois eu me ajeitei do melhor jeito, de modo a ficar mais próxima dele. Coloquei a cabeça em seu ombro e fechei meus olhos, sentindo o cansaço me abraçar. Mas antes de me entregar ao sono, eu soltei a pergunta que há dias vinha me perturbando, mas não tive a coragem de fazer com medo de sua reação.

—Daniel?

—Hum?

—Como será que está a Anika? A mãe e aquela criança? Não ouvimos falar mais nada do caso, nem daquele velho desgraçado.

—Eu não sei, Mel. Mas eu espero que estejam bem.

Eu também esperava que sim. Os três mereciam um recomeço longe daquele ser abusivo e asqueroso.

—Agora descanse, meu anjo. Aproveite suas últimas horas de sono longo.

Eu ri baixinho contra sua pele. E já entrando em meu sono, ainda pensei que as noites perdidas de sono seriam insignificantes tendo a minha Alice nos braços e meu Daniel ao meu lado.

Capítulo 8

Junho/2009

Junho chegou trazendo não só o calor do verão como também a expectativa da chegada de Alice a qualquer momento. Eu estava trabalhando apenas no período da manhã, e durante esse tempo Dolores, mãe de Patty fazia companhia a Mel. Apesar de seus protestos, eu não ia permitir que ficasse sozinha. Isso não agradou muito à minha mãe, que dizia não se importar em ficar com Mel todos os dias.

Porém, meu pai ainda não estava muito bem, embora os médicos não tivessem descoberto ainda as possíveis causas de suas dores e desânimo. Era injusto com ambos e assim contratei Dolores. Eu voltava para casa logo após o almoço e ficava o resto do dia com Mel. Às vezes ficávamos na cama e então eu aproveitava para trabalhar no projeto da Sweet que eu já estava terminando. Em outras vezes ficávamos na varanda, apreciando a paisagem.... ou na sala vendo algo na tv.

Ao contrário de mim que estava um pouco apreensivo, Mel me parecia tranquila e serena. Tranquila até demais para alguém que estava doze quilos acima do peso, andando com dificuldade e quase nunca encontrando uma posição adequada para se sentar ou deitar. Mas como ela mesma gostava de me lembrar... isso tudo era nossa filha. E não existia dádiva maior do que a carregar esses nove meses em seu ventre.

Eu realmente não conseguia imaginar a grandiosidade que era a gestação de um filho. Só sei que eu já me emocionava ao extremo só de sentir Alice se mexendo dentro de Mel. Talvez a emoção se equiparasse um pouco, mas só um pouco ao que Mel sentia.

—Está tão calado... algum problema?

Girei a cabeça e encarei Mel. Ela estava sentada no sofá com os pés em meu colo enquanto eu os massageava. Vez ou outra eu apertava levemente sua perna, como a médica me ensinou, procurando por algum

sinal de inchaço excessivo.

—Não. Só pensando em nós... na expectativa de Alice, na chegada do verão. Acho que é minha estação do ano preferida.

Ela riu balançando a cabeça. Gostava de dizer que sou volúvel demais em relação à paixão pelas estações do ano. A cada nova estação eu me dizia apaixonado. A verdade é que aprendi a gostar de todas as estações. O outono me trouxe Mel. O inverno me trouxe a dor e a saudade. Embora representassem sofrimento, dor e saudade serviram para me mostrar que mesmo amando eu errei. Errei, sofri e assumi meus erros. O inverno, no final das contas me trouxe uma grande lição de vida. E o que dizer da primavera? Apesar de ainda estar no inverno quando Mel voltou para mim, foi na primavera que eu me senti realmente perdoado. Eu me senti amado. Foi quando senti minha filha dar seu alô a mim pela primeira vez. E agora o verão nos traria Alice. Colocaria nossa pequena em nossos braços. Como escolher entre as quatro estações? Eu amava todas.

—Fico brincando com você, mas eu também sem sinto uma traidora a cada nova estação. A verdade é que cada uma delas nos trouxe algo de bom. Sempre vai trazer. Assim como vai trazer coisas ruins, inesperadas. Mas até isso vai nos servir de alguma coisa. Uma lição, uma experiência de vida. É bom...

Deu um sorriso cansado e fechou os olhos, mas eu não desviei os meus do rosto dela. Eu apenas não dizia a ela, mas estava apreensivo... com medo. Não contei que a esposa de um colega do trabalho faleceu ao dar à luz há algumas semanas. Ela não precisava saber disso e muito menos saber como aquilo me assustou. A angustia me dominou por alguns dias e eu me desdobrava em não demonstrar nada a ela. Eu não podia nem pensar na hipótese de perder Mel. Acho que eu ia enlouquecer.

Quando aqueles pensamentos vinham à minha mente, eu rezava uma oração que minha mãe me ensinou. Sinceramente não sei se valeria de alguma coisa. Deus ouviria aqueles que sequer faziam qualquer oração? Ele ouviria aqueles que só recorriam a Ele no momento de desespero?

—Acho que quero ir para cama, Daniel.

Mel falou entre um bocejo, felizmente interrompendo meus

pensamentos.

—Não está com fome? Tomou apenas o leite. Precisa se alimentar, querida.

—Não estou com fome. Minhas costas doem um pouco e estou com sono.

—Ok. Eu a ajudo.

Eu a ajudei a se levantar e a amparei enquanto seguia até o quarto de hóspedes que tínhamos no andar de baixo. Mesmo contrariada, Mel aceitou que mudássemos de quarto por enquanto, afinal, não faria nada bem a ela ficar subindo e descendo as escadas todos os dias. Por mais forte que eu me sentisse, subir as escadas com ela nos braços seria arriscado para nós três.

Eu a acompanhei até o banheiro e só depois de ter feito tudo o que era necessário eu a levei de volta ao quarto, onde ajeitei os travesseiros do jeito que ela gostava.

—Às vezes eu me sinto uma inválida com você fazendo tudo isso por mim.

—Não seja boba. Sabe que fica tudo mais difícil para você agora, amor. Seus passos, seus reflexos, tudo está mais lento. Não é questão se parecer inválida. Só estou cuidando de vocês duas.

—Eu sei, amor. Obrigada por sua extrema paciência.

—Você aceitar o que estou fazendo sem reclamar já é agradecimento, embora não precise me agradecer por nada. Está confortável?

—Muito. Você vem deitar também?

—Sim. Só vou conferir tudo e já volto, está bem?

—Não demore, marido.

Eu ri e beijei levemente seus lábios. Bom, eu tentei beija-la de leve, mas Mel passou os braços em volta do meu pescoço, me puxando para ela,

e precisei me apoiar com as duas mãos sobre a cama para não cair sobre ela.

—Eu amo você.

—Também amo você. Muito. Vocês duas.

—Acho bom.

Eu me afastei, ainda sorrindo e segui para o andar de cima, conferindo janelas, porta da varanda do quarto e depois desci, verificando portas e janelas do andar de baixo. Acionei o alarme e por último fui até o escritório, guardando o projeto com o qual estive trabalhando durante a tarde. Por último fui desligar o notebook, dando uma atualizada na página de notícias que Mel esteve vendo mais cedo. A manchete me chamou a atenção imediatamente e eu arregalei meus olhos ao ver a imagem daquele ser escroque estampada à minha frente.

"Acusado de abuso sexual, maus tratos, pedofilia e investigado por atividades criminosas, Ernest Ebner foi preso no final da tarde de hoje na Cidade do México onde esteve foragido."

—Boa sorte, seu filho da mãe.

Falei debochadamente antes de desligar o notebook. Não ia ler a notícia agora pois não queria me deitar ao lado de Mel carregando pensamentos ruins. Esperava fervorosamente que aquele traste tivesse o fim que merecia.

Ao voltar para o quarto, vi que Mel já dormia pesadamente. Aproveitei para tomar um banho rápido, escovei os dentes e me deitei ao lado dela, fechando os olhos imediatamente depois de beijar sua barriga.

∞∞∞∞

Eu não fazia ideia de que horas eram quando acordei assustado, sentindo uma umidade em minhas pernas. Eu me afastei e levantei imediatamente ao ouvir o gemido de Mel. Acendi a luz e vi seu rosto um pouco suado e com uma expressão de dor.

—Amor? Está sentindo dor?

—A bolsa se rompeu, Daniel.

Eu prendi a respiração por segundos, sentindo meu coração disparar e martelar furiosamente dentro do meu peito. Eu me sentei ao lado dela na cama, segurando sua mão ao ver sua careta.

—Ok... eu estou nervoso, mesmo sabendo que preciso ficar calmo e não consigo me lembrar de merda nenhuma do que a médica disse.

Ela riu, apesar do rosto meio contorcido de dor.

—Só tente manter a calma, amor. Ligue para ela, por favor, e avise que bolsa se rompeu. Lembra que ela disse que após isso, ainda poderiam ser horas em trabalho de parto?

—Sim, mas as dores vão começar a se intensificar.

—Essa é a magia, Daniel.

Ela sorriu... e eu sorri com ela. Mas por dentro eu gritava em desespero. Por que somos assim? Eu ansiava por esse momento, e quando ele finalmente chegava... eu estava quase entrando em pânico. Entretanto, acho que aqueles meses na clínica me ajudaram muito e aprendi a controlar a ansiedade e até mesmo o medo.

Eu fazia tudo o que Mel pedia sem questionar, apesar de ficar meio apavorado sempre que ela não conseguia segurar um gemido de dor. Quase quarenta minutos depois de ter acordado, eu seguia com ela para a maternidade, depois de ter avisado à doutora Samantha.

—Vai ficar tudo bem, querido.

Mel falou segurando minha mão assim que chegamos e ela foi colocada em uma maca. Eu pretendia seguir com ela, mas fui impedido pela médica, que gentilmente pediu que eu fosse à recepção, garantindo que estava tudo bem com Mel e Alice. Aparentemente. Era essa palavra que me deixava aflito. Enquanto aguardava os procedimentos na recepção, verifiquei as horas. Quatro e meia da manhã. Ainda era muito cedo para

ligar para minha mãe.

Pouco mais de vinte minutos depois, eu me sentava em um banco no corredor aguardando enquanto realizavam exames em Mel. Eu não queria aguardar nada. Queria estar lá dentro com ela, acompanhando tudo o que estava acontecendo. Bom... antes não tivesse desejado isso. Claro que eu queria muito estar com ela, mas quando finalmente me foi permitido, preferi não ter ficado.

Sei que era normal sentir aquelas dores, mas eu me sentia perdido, um inútil sem poder fazer nada por ela.

—Não fique assim, Daniel... por favor. —Falou entre uma careta de dor e uma longa respiração. — Logo o anestesista chega.

Eu tentei me controlar, mesmo sabendo que as horas seguintes possivelmente seriam as mais difíceis da minha vida.



Eu sei que a expressão do meu rosto não era das melhores, e Mel ainda conseguia rir de mim. Mas como reagir bem depois de ouvir a doutora dizer que o parto seria fácil e tranquilo? Sério? Estávamos aqui há pouco mais de quatro horas. Isso não parecia tão fácil para mim. Sei que, como minha mãe disse, o parto dela durou cerca de dez horas... eu dei trabalho para nascer. Sei que pode não ser tão rápido. O que me irrita é querer me tranquilizar contando uma mentira.

Felizmente, depois da analgesia, Mel não sentia mais dores, embora sentisse normalmente as contrações. Há pouco mais de meia hora ela estava com nove centímetros de dilatação e eu comecei a suar frio, embora permanecesse firme ao lado dela. Não sabia se meus pais já estavam na maternidade. Eu liguei para eles às sete da manhã, aos prantos dizendo que minha filha ia nascer. Mas eu ouvir essas mesmas palavras vindas da doutora Samantha provocou uma explosão de vários sentimentos dentro de mim.

—Como está se sentindo, Mel?

—Estou bem.

—Ótimo. Então vou tirar o maridão daqui para que ele seja preparado adequadamente e em seguida vamos começar. Sua Alice está pronta para vir ao mundo.

Meu olhar cruzou com o de Mel. Sei que no meu havia apreensão misturada à expectativa e felicidade. E no de Mel eu via a mais genuína felicidade. Eu não esperava outra coisa. Eu sempre disse que Mel era a minha força... e agora a de Alice também.

Capítulo 9

Dor, um pouco de medo, ansiedade... cansaço. Isso nas primeiras horas desde que sai de casa até chegar à maternidade. As dores eram suportáveis, pelo menos no começo e meu medo era de minha Alice ter algum tipo de sofrimento. Mas logo tratei de afastar aqueles pensamentos, mesmo porque eu precisava transmitir serenidade para Daniel também. Eu percebia sua apreensão, seu medo e não queria isso.

Após a analgesia, as dores cessaram e acredito que isso o tenha tranquilizado um pouco. Eu nunca cheguei a perguntar isso para a doutora Samantha, e, em minha ignorância, acreditei que cessariam as dores e eu não sentiria mais as contrações. Por isso relutei tanto em aceitar a aplicação. Eu queria sentir os movimentos de minha filha anunciando que queria sair para o mundo.

Mas felizmente eu sentia cada contração, cada aviso de que minha bebê estava chegando. Daniel estava ao meu lado, segurando minha mão e vez ou outra limpando o suor de meu rosto. Eu não fazia ideia de que horas eram, e me sentia cansada. Mas eu sentia que estava chegando o momento. E quando a doutora levou Daniel para que se vestisse adequadamente, fui levada para a sala de parto.

Eu ouvia as palavras de incentivo da doutora, dizendo que eu estava muito bem e fazia força ao mesmo tempo em que apertava a mão de Daniel. Era de certa forma, uma maneira de mostrar que estávamos juntos, unidos pelo nosso amor à espera da nossa garotinha.

—Isso, Mel. Já está vindo... só mais um pouco de força, querida.

Eu fiz, erguendo um pouco meu tronco, apertando com mais força a mão de Daniel sem deixar de olhar em seus olhos. E então eu ouvi e vi. Ouvi o choro alto e vigoroso, e no mesmo instante vi as lágrimas escorrendo pelo rosto de Daniel. Cai de volta na cama, ofegante pelo esforço, exausta, mas sorrindo e chorando ao mesmo tempo.

—Papai? Quer fazer as honras?

Minha mente cansada não permitiu entender o que aquilo significava. Daniel beijou minha mão, em seguida se inclinou sobre mim e me beijou suavemente antes de se afastar. Inclinei um pouco a cabeça e então eu o ouvi, cortando o cordão que me unia à Alice. E eu chorei um pouco mais quando o vi segurar nossa filha pela primeira vez. Eu não sei se era emoção pela cena de ver como ele segurava nossa filha como se sua vida dependesse daquele momento, ou se era contagiada pela emoção dele, que chorava sem parar, se aproximando de mim.

—Nossa princesa, amor. Ela é linda.

Ele a colocou ao meu lado e eu beijei sua testa ainda suja, chorando junto com ela.

—Alice... meu anjo. Seja bem-vinda, meu amor. Esperei tanto por você.

Quando ela foi retirada dos meus braços, Daniel continuou me olhando, sorrindo... chorando, uma completa confusão. Nossa filha era linda. Grande, gordinha e com pulmões excelentes, pelo visto.

—Eu te amo, Mel.

—Também amo você, minha vida.

Fechei meus olhos, exausta, mas com uma felicidade tão gigantesca que seria capaz de contagiar o mundo. Quando voltei a abrir meus olhos, me senti um tanto confusa, mas logo reparei que estava novamente no quarto e não na sala de parto. Girei a cabeça e nesse momento Daniel se levantou da poltrona onde estava sentado.

—Oi.

—Ei... há quanto tempo estou aqui?

—Uns quarenta minutos. Você estava exausta e dormiu o tempo todo enquanto cuidavam de você. Está se sentindo bem?

—Um pouco dolorida, mas nada de anormal. E Alice?

Ele abriu um sorriso largo. Aquele sorriso que eu amava e que chegava aos seus olhos.

—Ela é tão linda, amor. Estive lá no berçário junto com meus pais.

—Eles estão aqui?

—Sim. Aguardando até que liberem alguns minutos de visita. Essas flores foram trazidas por eles.

Apontei para um jarro sobre a mesa ao lado da poltrona e só então eu reparei que além das flores, também haviam balões de diversas cores, e outras flores que provavelmente não couberam no vaso.

—Oh...

—Algumas flores foram enviadas pelo meu chefe. Os balões foram enviados pelo pessoal da Sweet.

—Todos já estão sabendo?

—Sim. Liguei para todos.

Eu estiquei a mão e entrelacei nossos dedos.

—Obrigado.

—Obrigada.

Falamos juntos e sorrindo, ele se inclinou e me beijou. Calmo, suave. Eu acaricieei seu rosto e quando se afastou eu vi que seus olhos estavam novamente marejados. Não precisamos dizer nada. Nossa emoção já dizia tudo.

Uma leve batida na porta que foi aberta em seguida e por ela passou a doutora Samantha.

—Olá papais... — Parou ao meu lado. — E então Mel? Como está se sentindo?

—Cansada, mas bem.

—Ótimo. Você foi muito bem. E estão de parabéns. A Alice é linda.

—Obrigada.

—Bom, vou deixar algumas recomendações, além da prescrição de alguns medicamentos caso você sinta dor. E não hesitem em me ligar caso sinta algo de diferente, está bem?

—Sim.

—Vou aferir sua pressão agora. Daqui a pouco Alice já vem ficar com vocês.

—Meus sogros já podem entrar? Eles estão aí fora.

—Se você se sente bem, não vejo motivo para que não entrem. Mas procure descansar, sim?

—Tudo bem. Obrigada por tudo.

Ela sorriu enquanto ajustava o aparelho em meu braço. Daniel aguardou um pouco afastado e tão logo Samantha se despediu e saiu do quarto, ele a seguiu, voltando pouco depois com seus pais.

—Mel! Parabéns, querida. Minha neta é uma bonequinha.

—Obrigada Natalie.

Nolan se aproximou e tentei não pensar no quanto ele me pareceu pálido. Ele se inclinou e beijou minha testa.

—Parabéns. E ela é realmente uma beleza. Parece tanto com o Daniel quando era bebê.

Meus olhos voaram até meu marido e não pude evitar um sorriso. Sei que ainda estava muito cedo para dizer com que ela se parecia, mas era meu sonho ter uma garotinha parecida com ele. Ou um garoto, tanto faz. Desde que fosse a cara do pai.

—Será que vão demorar muito a trazê-la? Estou ansiosa para pegá-la em

meus braços.

—Logo estará aqui para a primeira mamada. Mel... — Natalie acariciou meu cabelo. —Pode contar conosco, está bem? Não fique acanhada em nos chamar para qualquer coisa que precisar.

—Eu sei que posso contar sempre. Amo muito vocês.

Quando alguns minutos depois a porta foi aberta, eu senti meu coração bater tão forte que resfoleguei, olhando para o pequeno embrulho nos braços da enfermeira loira.

—Olha quem chegou, mamãe! Nossa linda Alice.

Daniel já tinha ajustado a posição da cama, de modo que eu não estava completamente deitada, mas em posição boa o bastante para pegar minha filha no colo e não forçar muito, o que certamente provocaria dor.

—Vou ajudar você, está bem? Caso precise, é claro.

Alice foi colocada em meu colo e eu ofeguei mais uma vez ao ver seus olhinhos cinzentos bem abertos. Eu me lembrei das palavras de Samantha me dizendo que bebês percebem diferentes tonalidades e enxergam com nitidez o que estiver a uns trinta centímetros de distância. Então eu a aproximei mais do meu rosto, tentando a todo custo segurar suas lágrimas.

—Oi Alice... você é tão preciosa, meu anjo. Tão amada. E eu acho que você será tão linda quanto o seu pai.

Daniel resmungou ao meu lado, mas se aproximou encostando seu rosto no meu. Ambos, feito dois hipnotizados reverenciando a nossa filha. E eu não me cansaria nunca de me referir a ela como o fruto do nosso amor.

∞∞∞∞

Depois que seu filho nascer você esquecerá todas as dores do parto. Não sei se era verdade ou se era apenas uma história que as mulheres contavam para que perdêssemos o medo na hora do parto. Verdade ou não, para mim fazia todo o sentido. Porque desde o momento em que peguei Alice nos braços e olhei em

seus olhos, eu entendi que eu faria tudo novamente. Náuseas, vômitos, inchaços, desconfortos, dores... o que era isso se comparado à magnitude de ter nos braços a minha filha?

Eu sabia... sentia que esse seria para sempre um dos momentos mais incríveis da minha vida. O momento em que a coloquei em meu peito, e ela, como se tivesse feito isso desde sempre, sugou meu seio com voracidade.

Meus sogros tinham saído do quarto para me dar privacidade, embora não precisasse. Eu não me importava em amamentar na frente deles. Era um momento mágico para mim, puro, bonito. E sei que era assim para Daniel, que puxou a poltrona para perto da cama e observava nós duas como se aquela fosse a cena digna de um Oscar. Isso ficou bem óbvio diante de suas palavras.

—É a cena mais incrivelmente perfeita de toda a minha vida.

Rapidamente ele tirou o celular do bolso e registrou o momento. Sorriu para o visor e se aproximou me mostrando a foto. Apesar das olheiras e do ar cansado em meu rosto, tenho que admitir que a foto ficou linda. Ele se sentou na beirada da cama, observando nós duas.

—Sabemos que não será fácil. Somos inexperientes e cuidar de um bebê não é tão simples. Mas eu estarei aqui, Mel. Sempre por vocês. Vamos fazer isso juntos, ok?

—Claro que sim, meu amor. Sempre juntos. Vai dar certo. Não sem dificuldade, mas vai dar certo.

Ele encostou a cabeça na minha e passou o dedo levemente pela bochecha de Alice. Agora se iniciava uma nova fase de nossa vida. Mais responsabilidade, alguns momentos de apreensão, incertezas, dúvidas. Mas isso era apenas pequenos obstáculos que enfrentaríamos, lutando para o bem maior que era nossa felicidade.

Capítulo 10

Dezembro/2009

Suavemente eu abri a porta do quarto, já sorrindo ao ouvir os resmungos de Alice. Eu estava trabalhando no escritório de casa, como sempre com a baba eletrônica ao lado quando ouvi os primeiros sinais indicando que ela estava acordada. Rapidamente eu abandonei tudo o que estava fazendo e segui para o quarto, onde a encontrei segurando um dos pezinhos e tentando leva-lo à boca.

—Oi bonequinha... está com tanta fome assim?

Instantaneamente ela girou a cabeça na direção da minha voz se agitando ao meu ver. Apoiei os braços na grade do berço, sorrindo feito um bobo ao ouvir seus gritinhos de euforia ao me ver. Alice mudou muito nesses seis meses de vida, e exceto pelos cabelos que eram idênticos aos meus, ela tinha o rosto bem parecido com o da mãe. Tão incrivelmente linda como Mel.

Deslizei o dedo pela pele aveludada, fazendo com que ela se agitasse ainda mais, tentando e conseguindo agarrar meu dedo. Eu sempre tive a certeza de que amaria meu filho tanto quanto amava Mel. Mas isso foi antes de se tornar realidade. Enquanto era apenas uma possibilidade, eu achava que nada poderia ser mais forte que meu amor por Mel. Nada. E então veio Alice. E assim descobri que estive enganado esse tempo todo.

Na verdade, nem posso dizer que estive enganado. Não posso dizer que meu amor por Alice era mais forte que meu amor por Mel. Eram apenas amores diferentes. Tão diferentes, mas ao mesmo tempo tão iguais em questão de profundidade, de entrega. Eu digo sem medo que seria capaz de dar a minha vida pelas minhas duas mulheres.

Falando assim dá até a impressão de que os últimos seis meses foram da mais completa harmonia, felicidades, flores e beijos. Eu gostaria muito que tivesse sido, mas não foi. Os três primeiros meses foram terríveis em alguns aspectos. Alice não era uma garotinha tão comportada assim. Era um tanto manhosa e quando vieram as cólicas, o choro que era apenas uma arma para

conseguir o colo da mãe passou a ser constante e quase histérico.

Foi preciso muita força e principalmente maturidade para passarmos por essas fase. E digo que maturidade foi algo que tivemos que batalhar arduamente. Maturidade como pais. A gente sempre pensa que está preparado, mas a realidade está bem distante da bela teoria. Por mais que eu tentasse ajudar Mel, ela estava sempre irritada, nervosa e explodia facilmente. Depois chorava, se arrependia de suas palavras grosseiras. Nessas horas eu apenas tirava Alice de seus braços e tentava acalmá-la.

Eu tentei manter a serenidade e confesso que engoli muitas ofensas. E eu não culpava Mel de forma alguma. Ela estava esgotada. Não era apenas fisicamente. Seu psicológico estava uma bagunça. E aí eu pensava em como algumas pessoas são tolas ao imaginar que após o parto os problemas desapareciam. Ledo engano. Eles estavam apenas começando. E não digo problemas, essa não era a palavra adequada. Seriam obstáculos normais daquela fase que pais de primeira viagem como nós não estavam preparados.

Ainda houve a mastite, que a deixou com febre e com os seios enormes e doloridos. Aos poucos tudo foi se ajustando. Alice passou a dormir mais durante a noite, o que garantiu mais horas de sono a Mel. Com muita relutância ela aceitou armazenar um pouco de leite para que eu mesmo alimentasse nossa filha pela manhã enquanto ela podia desfrutar de mais algumas horas de sono. Há uma semana ela voltou ao trabalho já que estávamos nos aproximando do Natal, e eu, como já estava curtindo o recesso da empresa, ficava com Alice durante toda a tarde.

Apesar de já estar se alimentando com algumas papinhas, Mel não deixou de amamentar... e provavelmente era por isso que a pequena já estava acordada. Já estava quase na hora de leva-la para a Mel.

—Vamos dar uma olhada nessa fralda antes de irmos até a mamãe?

Ela resmungou novamente e eu a tirei do berço, aproximando meu rosto para sentir seu cheirinho de bebê. Rapidamente eu troquei sua fralda e agasalhei um pouco mais. O inverno prometia ser rigoroso esse ano.

—Pronto. Cheirosa para ver a mamãe.

Mel nunca ia me deixar esquecer dos primeiros dias em que eu nunca

acertava a posição correta da fralda. Inevitavelmente um de nós dois sempre saía sujo por causa da minha incapacidade. Foi difícil, mas aprendi e hoje fazia isso mais rapidamente que Mel. Não que eu fosse mais hábil, mas Alice se comportava mais comigo do que com a mãe.

Saí pela porta lateral que dava acesso direto à garagem e coloquei Alice na cadeirinha seguindo até a Sweet. Estava frio demais para eu deixar de usar o carro. Ao parar em frente à loja, eu fiquei alguns minutos dentro do carro, apreciando a nova fachada que a deixava bem parecida como uma casinha de história de contos de fada. Quem olhasse de fora não ia imaginar o espaço agradável que havia lá dentro, principalmente depois da reforma que foi feita em tempo recorde para o Natal.

—Vamos lá, querida?

Sai do carro e tirei Alice da cadeirinha, protegendo-a com meus braços longos e andando apressadamente até entrar na loja.

—Boa tarde, Patty.

—Boa tarde, senhor... — Eu fiz uma careta e ela pigarreou. —Daniel. E essa bonequinha?

Ela se aproximou sorridente e parou à minha frente, acariciando a bochecha vermelha de Alice.

—Meu Deus, como pode ser tão parecida quanto a mãe, não é?

—Tão linda quanto ela.

Patty rolou os olhos e se afastou para que eu fosse atrás de Mel. Mas antes de chegar ao escritório, onde ela certamente estaria à minha espera, ainda fui interceptado por Juan, que aliás era padrinho dela.

—Dê um jeito de levar sua esposa para casa, Daniel. A teimosa reclamou de dor de cabeça o dia inteiro e se recusa a ir embora.

—Sério? Como ela está?

—Eu a achei um tanto abatida. Pode ser uma gripe, uma virose, mas é

melhor que vá para casa descansar.

—Eu farei isso, pode deixar. E obrigado por avisar. Tenho a impressão de que eu só saberia disso quando chegasse em casa.

—Com certeza.

Ao entrar no escritório, Vi Mel sentada na cadeira com a cabeça tombada para trás e os olhos fechados. Ao sentir minha presença, ela imediatamente abriu os olhos. Sorriu, mas não era o sorriso caloroso de sempre.

—O que você tem, amor?

Falei me aproximando e deixando um beijo em seus lábios. Ela rapidamente pegou Alice e eu me sentei à sua frente. O pequeno vidro estava sobre a mesa, o que significava que ela já tinha se higienizado como sempre fazia antes de amamentar. Abriu a blusa e ajeitou Alice em seu seio.

Ela quase soltou um gemido de alívio quando Alice começou a sugar fazendo barulho.

—Estão muito cheios, não é?

—Muito. Parece que não vou parar de produzir leite nunca mais.

Eu ri, mas não falei nada. Mel sabia ser dramática quando queria. Mas eu a entendia. O tempo em que sofreu com mastite foi realmente difícil.

—Mas não me respondeu. O que está sentindo? Não está com a cara muito boa.

—Só um pouco de dor de cabeça.

—Não acha melhor ir para casa?

—Sabe que eu normalmente ia recusar, mas não vou. Só vou terminar aqui e vou com vocês.

Ela realmente não estava bem já que aceitou sem reclamar. Ela ergueu a cabeça e me encarou com tanta seriedade que franzi a testa sem entender seu

olhar.

—Você a viu?

—Quem?

—Anika.

—Anika? Não. Aonde você a viu? Nem sabia que ela estava cidade.

—Ela esteve aqui com o filho.

Eu engoli seco, tentando imaginar se ela teria dito algo para deixar Mel daquele jeito. Ela, como sempre acontecia, parecia ler o que se passava em minha mente.

—Não é por causa dela que estou assim, para sua informação eu já estava com dor de cabeça. Mas, nós conversamos um pouco, ela me parabenizou por Alice, perguntou por você...enfim, foi muito simpática.

Eu fiquei em silêncio, pensando naquela informação. Não sei o que Mel pretendia me contando isso, mas era certo que eu deveria ter uma conversa com Anika e finalmente encerrar aquele capítulo tão triste da minha vida.

—Eu acho que você deveria procurar por ela.

— Sim. Estou pensando exatamente nisso.

Ela voltou sua atenção para Alice, me deixando sozinho com meus pensamentos. Eu não conseguia tirar meus olhos de minha esposa e minha filha, pensando se Mel estava mesmo tranquila em relação a isso.

—Você está bem com isso? Com o fato de eu a procurar?

—Você precisa disso, Daniel. E não estou incomodada. Só quero saber se você está pronto para essa conversa.

—Estou. Eu devo isso a ela e a mim mesmo.

—Então está tudo bem.

Eu me levantei e me ajoelhei ao lado dela, brincando com a mão de Alice que sequer me deu atenção. Ganhei um cafuné nos cabelos e resmunguei as palavras que certamente ela estava cansada de ouvir, mas eu não cansaria nunca de dizer.

Capítulo 11

Minhas mãos suavam quando um dia depois eu toquei a campainha da casa de Anika. A porta foi aberta no segundo toque e Anika ofegou surpresa ao me ver.

—Daniel!

—Oi Anika.

—Nossa... Que surpresa. Não esperava.

—Será que poderemos conversar? Se não for atrapalhar você?

—Claro. Entre. Meu filho está dormindo.

Eu a acompanhei até a sala me sentindo um tanto constrangido. Era a primeira vez que eu entrava naquela casa e saber de algumas coisas que aconteceram ali me deixava incomodado. Anika se sentou à minha frente e cruzou as pernas.

Ela continuava uma mulher bonita e elegante, embora visivelmente mais madura. Era fácil entender porque um adolescente bobo como eu se apaixonou por ela. Jovens costumam ser assim...um tanto fúteis e deslumbrados com o muito belo e impossível.

Porém eu não estava aqui para ficar me lembrando daquela paixão boba do passado. Só precisava tentar me desculpar pelos meus atos e seguir em frente

—Só queria dizer que sinto muito pelas coisas horríveis que te disse aquele dia no hospital. Eu preciso do seu perdão Anika. Perdão por ter me deixado levar pelo sentimento de vingança, de ódio de mágoa. Eu quis ferir você profundamente me esquecendo de que quando tentamos fazer o mal a alguém, só estamos fazendo a nós mesmos.

—Eu não tenho que perdoar nada, Daniel. Eu quem preciso pedir perdão

por tudo. Aquela conversa que você ouviu com meu pai...era o que ele precisava para nós deixar em paz.

—Eu não estou entendendo.

—Eu vou te contar tudo desde o começo. Desde quando namorávamos. Eu te amava Daniel. Eu realmente te amava.

Ela me encarou, talvez esperando alguma reação àquela revelação. Mas eu não senti nada, simplesmente porque isso nunca mudaria nada em minha vida.

—Meu pai acreditava mesmo que éramos só amigos então não se importava com você, porque não representava uma ameaça. Ele sempre foi autoritário, abusivo, violento e minha mãe abaixou a cabeça para ele a vida toda. Eu cresci acreditando que aquele jeito doentio era amor. Ele sempre usava as palavras de Deus para justificar aquele tipo de amor. Claro que eu nem imaginava que ele vivia envolvido com coisas tão pesadas. Tráfico de entorpecentes, extorsão e mais um monte de crimes. Na adolescência eu estava apaixonada demais para perceber qualquer coisa. Foi quando ele apareceu com um noivo para mim...

Ela passou as mãos sobre os olhos, secando as lágrimas que rolaram pelo seu rosto.

—Eu me revoltei e acabei contando que eu estava apaixonada por você e que estávamos namorando. Foi assim que percebi sua verdadeira face. Ele espancou minha mãe na minha frente, a deixou sob a mira de uma arma e falou que se eu não fizesse o que ele mandava, você sofreria as consequências assim como minha mãe.

Eu não soube o que fazer quando ela escondeu o rosto entre as mãos, chorando alto. Eu me controlei e não tentei consola-la com medo que meu gesto a levasse a interpretar de forma diferente. Por isso permaneci quieto até que ela se acalmou.

—Então eu agi daquele jeito, humilhando você para que ele te deixasse em paz. E naquele mesmo dia depois que meu futuro noivo foi embora... Ele me violentou. Foi...a coisa mais repugnante da minha vida. Não contente com isso ele passou a me espancar sempre com as mesmas ameaças. Mas pouco depois eu aceitei o convite do meu noivo para ir embora com ele. Meu pai não recusou já

que ele tinha grandes interesses escusos. Eu comecei a trabalhar como modelo, mas durou pouco tempo... Eu estava grávida.

—O seu filho...ele é...

—Sim. O meu filho é fruto de um incesto, de um estupro.

Eu me calei novamente. Acho que ninguém, a não ser que tenha passado pela mesma situação, pode imaginar o que Anika ou qualquer outra mulher sente quando se é vítima de violência, sexual ou não. E tudo que já é asqueroso se torna pior quando é praticado pelo próprio pai. Eu me arrepiei só de pensar.

—Foi uma batalha terrível dentro de mim. Era filho do meu pai crescendo dentro de mim. Ele poderia ter inúmeros problemas. Foi um ato nojento. Mas havia um ser inocente dentro de mim. Eu sei que tinha a opção de abortar, mas além de meu pai não permitir, eu nunca teria coragem. Então eu prossegui e quando ele nasceu, meu pai o levou para minha mãe criar. Eu só tive tempo de registrá-lo. Vê a crueldade desse homem? Ele fez isso para massacrar ainda mais minha mãe. Em protesto por ela não ter dado um filho homem a ele.

—Sei que pode parecer uma pergunta idiota e invasiva, mas... Vocês nunca pensaram em denunciá-lo?

Ela deu um sorriso que era uma mistura de deboche e tristeza.

—Você já sentiu medo alguma vez em sua vida?

—Sim. Várias vezes.

—Pois eu sentia pavor, pânico. E na única vez em que tive um pouco de coragem para denunciar, eu fui tratada da pior maneira possível. Eles me perguntaram o que eu fiz para incitá-lo, se eu sentei no colo do papai. Eu ouvi um dos policiais falando que qualquer um que tivesse uma filha como eu teria vontade de fazer o mesmo. Eu saí como culpada, Daniel. Então eu apenas esperei que fosse feita a justiça divina, já que eu não podia contar com a dos homens.

—Eu sinto muito.

—Quando ele me incluiu naquele empreendimento, acho que jamais

imaginou que pudesse ser você. E quando descobriu viu a chance de humilhar você mais ainda. Ele nunca quis realmente que eu tentasse te reconquistar.

—Mas então... Não estou entendendo.

—Ele queria que eu o humilhadas novamente. Ele nunca aceitou o fato de eu amar você. E quando provei que meu amor resistia, ele quis se vingar novamente. Se antes eu tinha medo de suas ameaças, ficou ainda pior.

—Provar? Como assim?

Ela não me respondeu de imediato, me deixando ainda mais curioso.

—Ele me disse que ouviu comentários de que seu casamento não estava bem e me incentivou a seduzir você para humilhar depois. E claro, sempre ameaçando você, minha mãe e também meu filho. Eu acreditei que seu casamento não ia bem. Sei lá...acho que eu queria que fosse verdade. E pelo menos dentro de mim, querer reconquistar você nunca foi uma mentira. Eu continuei te amando todos esses anos, Daniel. E meu pai não pode fazer nada quando o filho dele nasceu e eu o registrei.

Eu arregalei meus olhos, mal conseguindo acreditar que o que eu estava pensando pudesse ser verdade.

—Anika, não está querendo me dizer que.... Como é o nome do seu filho?

Ela olhou dentro dos meus olhos por um bom tempo antes de responder.

—Daniel Ebner. Esse é o nome do meu filho.

Inevitavelmente meus olhos se encheram de lágrimas. Ela realmente me amou e me senti um pouco culpado por meus sentimentos não terem passado de ilusão. Mesmo sem querer, eu a enganei, já que nunca senti amor.

—Sabe... Por um lado foi bom você ter saído da minha vida. Você nunca me amou, eu tenho uma vida fodida...e você ama de verdade outra mulher. Ela te faz bem, te faz feliz como eu nunca vi quando estivemos juntos.

—Mel é minha vida. E agora Alice também. Eu realmente sinto muito por tudo o que você passou, pelas coisas cruéis que eu te disse.

—Eu entendi sua situação. Eu o perdoei assim que entendi tudo. Só quero que seja muito feliz. Você não merecia estar na minha vida. Ela é suja.

Eu me despedi de Anika minutos depois dando um forte abraço nela.

—Eu desejo do fundo coração que você encontre a felicidade, Anika. Você, sua mãe e seu filho.

—Eu desejo o mesmo, embora saiba que você já tem. E você merece. Sempre foi um homem honrado, honesto, íntegro. E eu ficarei bem sim. Aquele homem está preso e eu sei que não sairá vivo da prisão.

Era horrível desejar a morte de uma pessoa, mas eu esperava que ele não saísse vivo de lá mesmo. Pessoas como ele não merecem estar nesse mundo.

—Obrigada por ter vindo falar comigo. Eu precisava que você soubesse da verdade. Todas as verdades.

Eu sabia que ela se referia ao fato de me amar ainda.

—Talvez esteja enganada quanto a isso.

—Não estou. Mas não vou repetir o que você já sabe. Seria desleal com sua esposa. Adeus, Daniel.

—Adeus, Anika.

Eu saí de lá mais leve, pronto para encontrar meus dois amores.

Já era fim de tarde quando entrei em casa e encontrei Mel sentada no tapete com Alice. Ela estava cercada por almofadas que a ajudavam a sustentar seu corpo. Minha pequena gritou quando me viu, enquanto Mel apenas encarava meus olhos em busca de algum indício de raiva ou tristeza. Mas eu nunca estive tão em paz comigo mesmo.

—Oi meus amores. Voltei e agora sou todo de vocês.

Falei me jogando de bruços ao lado de Mel que me beijou rapidamente.

—Nós estávamos com saudade. Foi tudo bem lá?

—Sim. Ela fez questão de me contar em detalhes tudo o que aconteceu desde que terminamos. Contou até mesmo sobre as atrocidades do pai.

—Então você teve o perdão que tanto esperava?

—Sim, Mel e tudo o que mais desejo agora é seguir nossa vida, deixar aqueles dias nebulosos para trás. Estou em paz comigo.

—Ela...confessou que ainda ama você? Porque eu vi isso nos olhos dela.

— Não explicitamente com palavras. Ela disse que seria desrespeitoso com você.

—Oh...ela é realmente uma grande mulher.

—Mas a minha mulher é mais.

Falei puxando seu rosto para um beijo apaixonado, facilmente aceito pela boca macia e língua afoita que exploraram minha boca. Porém fomos interrompidos quando Alice agarrou meus cabelos, chamando atenção.

—Oh sua pequena ciumenta. Venha aqui.

Eu me sentei e a peguei colocando em meu colo, a enchendo de beijos, depois abraçando carinhosamente, fechando os olhos ao sentir seu cheiro gostoso.

—Se não foi com palavras...

—Não seja boba, amor. Se dizer que me ama com todas as letras já seria desrespeitoso.

—Ok.

Eu ri de seu ciúme e a beijei de novo ainda com Alice em meu colo.

—O nome do filho dela é Daniel.

Eu vi os olhos de Mel se encherem de lágrimas. Ela também se emocionou ao saber que Anika deu o meu nome, o nome do homem que seu pai odiava, ao próprio filho. Não falamos mais sobre Anika depois disso. Era um

capítulo concluído, um conto dramático encerrado.

Agora, diante de meus olhos, eu só via o filme de um futuro almejado ao lado de Mel e Alice. Mas o mais importante era que nesse rápido filme mental que criei, não éramos apenas nós três. Mais duas crianças parecidas comigo e Mel contribuía ainda mais para o enredo daquele filme, que no final não passava de mais uma história de amor. Mas era real. Era a minha vida.

Epílogo

Dezembro/2015

Eu ouvia a algazarra dos dois no jardim de casa e não conseguia esconder meu sorriso. Quando Daniel e Alice estavam juntos era difícil diferenciar os dois, no sentido de ambos parecerem crianças da mesma idade. Daniel se soltava, se jogava nas brincadeiras com nossa filha. Não havia tempo ruim para ele. Nunca vi pai mais carinhoso, atencioso. Muitas vezes ele chegava do trabalho bem animado que eu, então Alice aproveitava sua disposição para extravasar o restante das energias que a escolinha não supriu. Meu Deus...e que energia. Minha filha parecia ligada em duzentos e vinte o tempo inteiro.

Porém, ao se deitar a noite, mal tinha tempo de responder ao nosso boa noite e já estava dormindo, só acordando no dia seguinte. Parecia que ela queria nos recompensar por todas as noites insones quando ela era um bebê chorão. Sendo assim, Daniel e eu tínhamos a noite e madrugadas inteiras só para nós dois. Como ele dizia, era um treino para darmos um irmãozinho a Alice.

Mas essa não era totalmente a verdade. No fundo havia nossa paixão que incendiava cada vez mais. Há alguns anos eu disse a ele que, mesmo estando juntos há muito tempo, ele ainda me beijava como se fosse a primeira vez. E isso não mudou. Daniel ainda me dava beijos de tirar o fôlego. Nós ainda fazíamos amor como se fosse a primeira vez, apesar de estarmos juntos há quatorze anos. Não sei se todo nosso furor, aquela atração, aquele desejo louco diminuiria algum dia. Eu esperava sinceramente que não.

Esse era realmente o momento de começarmos a aumentar nossa família. A Sweett continuava sendo um sucesso e eu vinha faturando bem mais do que imaginei um dia. Eu nunca pensei em ficar rica quando resolvi investir naquele negócio. Era mais uma forma de fazer o que eu gostava. No entanto, eu consigo as duas coisas. Nosso padrão de vida aumentou e eu estava mais do que realizada profissionalmente.

Obviamente, nosso estilo de vida não mudou apenas por minha causa. Eu sempre exaltei Daniel, frisando como ele era trabalhador e dedicado como

profissional. Ele fazia seu trabalho com paixão e seriedade e por isso mesmo era um dos profissionais mais responsáveis e requisitados do ramo. Tanto que quando Sebastian deu sinais de querer se afastar um pouco da Construtora, Daniel foi o primeiro nome em que ele pensou para propor uma sociedade. Tínhamos uma boa economia e não pensei duas vezes ao incentivar Daniel a aceitar.

Hoje, ele era sócio majoritário da Crowstones, mas nunca abandonou o que realmente gostava de fazer.

—Socorro mamãe...socorro.

Alice entrou gritando pela porta da cozinha e se agarrou as minhas pernas, seu rosto exibindo uma mistura de euforia e medo. Logo em seguida entrou Daniel, usando as luvas em forma de garra, que era um brinquedo antigo de Alice. Um brinquedo que agradava mais ao pai do que ela.

—Novamente a garra, Daniel?

—Estamos brincando, não é coisa linda?

—Sim.

Alice respondeu, mas gritou novamente se agarrando em mim. Eu me abaixei um pouco e a peguei no colo sentindo seu coração batendo forte. Minha filha era grande para sua idade e foi com tristeza que constatei que em breve ficaria difícil carregá-la.

—Chega de brincadeiras por hoje, queridos. Alice suba que a mamãe já vai ajudar você no banho. Está quase na hora de irmos para a casa da vovó.

—Oba.

Alice adorava a avó e se alegrava sempre que íamos até lá. Natalie mimava a neta e as vezes eu achava que mimava até demais. Mas eu não queria estragar seu prazer dizendo o que pensava. Daniel e eu sabíamos cortar as asinhas da nossa filha, de modo que pequenos mimos não fariam um estrago na educação de Alice.

Assim que nossa filha se afastou, Daniel se aproximou retirando as luvas e

me abraçando pela cintura. Eu rodeei seu pescoço com meus braços puxando sua cabeça para um beijo. Era automático. Meu corpo serpenteava e se moldava ao dele. E eu me derretia com seu beijo...e gemia com seu sabor. Eu tremia com a suavidade da sua língua em minha boca, na pele sensível do meu pescoço...e ele ria com a boca na minha.

—Estremecendo, amor?

—Sempre.

Respondi retorcendo os fios de seus cabelos em meus dedos. Meu olhar se encontrou com o dele e eu sorri passando levemente a língua em seus lábios. E foi a vez de ele estremecer.

—Estamos tão sensíveis hoje, querida.

—Como se você não estivesse.

—Acho que seremos sempre assim. Dois fios desencapados.

Ele voltou a me beijar, mas antes disse as palavras que eu sempre ia amar ouvir. Eu te amo. E eu fiz questão de responder. Já se foram quatorze anos juntos. E meu coração ainda batia mais forte quando ele declarava seu amor. Essa era uma das bases do nosso relacionamento. Haviam outras tantas, é claro, mas era fato que enquanto existisse amor entre nós, existiria a nossa força para fazermos tudo dar certo. Não foram anos fáceis. Houve muita dor nessa jornada, mas estávamos inteiros. Isso porque estávamos juntos.

∞∞∞∞

Daniel

Mais uma vez aqui. Eu me lembro como se fosse hoje do dia em que falei que ainda estaríamos nessa pedra, com nosso filho nos fazendo companhia e agradecendo por mais um ano. E isso, claro, aconteceu. Essa não seria a primeira vez que trazemos Alice até nossa pedra, como também não seria a última.

Diferente dos outros anos, quando ainda éramos apenas Mel e eu, nossos trajes eram mais quentes já que não nos entregamos ao calor que o champanhe e o fogo dos nossos corpos proporcionavam. Também não corríamos até a praia como dois adolescentes apaixonados. Alice era teimosa como eu e sabíamos que ela ia querer se vestir como nós na virada do ano. Admito que nesse ano até para nós seria impossível. O inverno estava sendo rigoroso e a sensação térmica naquela pedra era ainda pior.

Eu tentei segurar meu riso, vendo Alice girar a cabeça a todo instante para olhar o mar. Ela adorava. À nossa volta, outros casais que pareciam ter descoberto a magia daquele lugar se despediram de mais um ano.

Mais cedo estivemos na casa de minha mãe e fizemos a ceia juntos como todos os outros anos. Infelizmente apesar da minha insistência, ela não aceitou vir conosco. Eu a entendia, embora não concordasse que o isolamento pudesse ser a melhor alternativa. A verdade é que foi um ano difícil para todos nós.

—Mas um ano aqui...mais um entre muitos que virão.

A voz de Mel me puxou de volta para o momento e eu encarei seus olhos. Ela repetiu o que eu disse só em pensamento.

—Foi um ano difícil para todos nós. Mas apesar de tudo só temos que mais uma vez agradecer. Agradecer pela vida.

Eu deixei que as lágrimas que eu vinha segurando finalmente ficassem livres. Alice apertou minha mão e eu vi seu rostinho preocupado me encarando. Tentei sorrir, mas provavelmente foi uma careta

—Agradecer pelas oportunidades...as conquistadas e as perdidas. Tudo faz parte do aprendizado. Agradecer por nossos amigos que estiveram aqui conosco mais uma vez em momentos importantes.

Eu pensei em Camila e Esther que recentemente adotaram uma garotinha de três anos. As duas aguardaram até que Mel estivesse pronta para uma viagem e poucos meses depois do nascimento da nossa filha, fomos padrinhos de casamento do casal. Pensei também em Frederick e Laura que no ano passado nos acompanharam em uma viagem, e eu pude finalmente ver a aurora boreal. Foi algo surreal e para completar eu estava com minha esposa e minha filha. Pensei em todos os outros amigos, mais presentes em nosso dia-a-dia. Todos

muito especiais.

—Agradecer ao amor que nos une e fortalece. Porque sem ele não teríamos a coragem para prosseguir depois de tudo.

—Não chore, papai.

Alice falou quando um soluço me escapou. Durante três anos meu pai lutou bravamente contra um câncer. E venceu. Ele venceu a maldita doença e foi uma das maiores felicidades de nossas vidas. Mas ninguém estava preparado quando um AVC o arrancou de nós de forma tão brusca seis meses atrás, pouco antes do aniversário de Alice.

Nossa filha muito nova talvez não entendesse muito bem, por isso comemoramos seu aniversário semanas depois de enterrar meu pai. Mas meu peito sangrava. E eu me preocupei com minha mãe e sua apatia. Ela logo transformou a dor da perda em um apego ainda maior por Alice. Eu temia essa forma de encobrir a dor. Eu não queria perde-la também.

Senti os dedos de Mel em meu rosto e inspirei tentando me recompor. Minha voz soou um pouco grave e rouca.

—Como sempre só temos a agradecer. Eu agradeço principalmente por vocês duas em minha vida. Eu realmente não conseguiria. Amo vocês...amo muito.

—Também amamos você, querido.

—Amo você, papai. Amo você, mamãe.

Eu me abaixei e peguei Alice no colo, em seguida puxei Mel passando o braço em volta do seu ombro no momento em que começava a contagem regressiva.

Mais um ano que se despedia, deixando suas marcas, suas alegrias, conquistas, dores...saudades. Que bom que a gente aprende. Que a gente entende que estar vivo é passar por obstáculos, bons e ruins. Que nos trazem alegrias e tristezas. Bom é saber que apesar dos percalços nunca estamos sozinhos.

Quando estouraram os primeiros fogos, olhei brevemente para o céu.

—Feliz ano novo, pai.

Beijei Mel e Alice.

—Feliz Ano Novo para nós.

—Feliz Ano Novo para nós.

Mel falou tocando seu ventre, gesto que não passou despercebido. Meus olhos se encheram de lágrimas novamente.

—Mais um, amor?

—Mais um

Eu apertei as duas mulheres da minha vida em meus braços. Um novo ciclo...a vida se renovando. E que viessem outros novos anos nos trazendo a paz, a força, a sabedoria e saúde. O amor? Esse sempre esteve aqui.